

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DO CONHECIMENTO EM HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

FERNANDA RAMBO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

**CAXIAS DO SUL
2018**

FERNANDA RAMBO

**A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS
NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, na Universidade de Caxias do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Pesquisa no Ensino de História

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Eliana Rela

Caxias do Sul
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

R167f Rambo, Fernanda

A formação de professores e o uso de recursos tecnológicos no ensino de história / Fernanda Rambo. – 2018.

94 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

Orientação: Eliana Rela.

1. História - Estudo e ensino. 2. Aprendizagem. 3. Professores - Formação. 4. Tecnologia educacional. I. Rela, Eliana, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Fernanda Rambo

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História.

Caxias do Sul, 2 de agosto de 2018.

Banca Examinadora:

Dra. Eliana Rela
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Carla Beatris Valentini
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Karla Marques da Rocha
Universidade Federal de Santa Maria

Dra. Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela iluminação divina nos momentos difíceis desta caminhada, nas inseguranças e nos medos durante o percurso.

Aos meus pais, José Inácio e Ilse, o incentivo de sempre buscar o que almejo; a sua batalha diária para dar uma educação digna para seus filhos; a compreensão de que alcançar novos horizontes, mundo afora, faz parte da busca por melhor qualidade de vida. E, principalmente, o apoio emocional fornecido, mesmo que a distância, nos momentos nos quais mais precisei deles.

Ao meu noivo, Alberto, a compreensão nos momentos de ausência e impaciência; a ansiedade constante durante esta pesquisa. Seu carinho e afeto foram a base de apoio que eu precisava perante minha inquietude.

Aos(as) amigos(as), que durante esta trajetória aceitaram todos os “Não posso, eu tenho que escrever para o mestrado”. Meu eterno carinho a todos vocês!

Aos colegas do mestrado as amizades construídas, as risadas e, principalmente, por compartilharem momentos de aprendizado.

Aos professores que dedicaram um tempo, fora do seu horário de trabalho, para participar do curso de formação continuada oferecido por esta mestranda. Suas contribuições tiveram grande importância para concluir a escrita desta dissertação.

Sou imensamente grata à professora Eliana Rela, que me orientou durante estes dois anos de estudo, pela sua paciência, pelo carinho, por seu exemplo de organização, conhecimento e amor pelo que faz. Agradeço também às professoras Carla Beatris Valentini, Terciane Ângela Luchese e Karla Rocha, que aceitaram participar das bancas de qualificação e final, e suas valiosas contribuições. Meu carinho a todos os demais professores do programa de pós-graduação (mestrado), que conheci na Universidade de Caxias do Sul, obrigada por compartilharem seus conhecimentos.

A todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, foram importantes nesta caminhada de mestranda, me fazendo melhorar como profissional e crescer como pessoa.

RESUMO

Esta pesquisa na área de concentração do ensino de História: Fontes e Linguagens, na linha de pesquisa de Linguagens e Cultura no ensino de História, tem como finalidade analisar como os professores da rede pública de Flores da Cunha inserem a cultura digital nas aulas de História, com recorte para a história do Rio Grande do Sul. A partir de então, houve apoio, principalmente, nos estudos de Kenski, Lemos, Lévy, na busca por referencial teórico para embasar esta escrita. Vivemos em uma era digital, em que a escola não pode ficar na contramão desse processo; é preciso aproveitar essas ferramentas tecnológicas no processo de ensino e aprendizagem. Organizou-se este estudo, primeiramente, com a influência que as novas tecnologias da educação têm nas instituições de ensino; a partir daí elencou-se a formação de professores para seu uso na escola. Após, apresentou-se quinze aplicativos, já existentes, para o ensino e aprendizagem da História, no contexto do nosso estado. Com o auxílio de um questionário e levantamento prévio de dados, foi criado o produto final, um curso de formação continuada para os professores-referência das turmas de 5º ano e professores de História da rede, intitulado “O professor mediador: interação aluno, professor e as tecnologias no ensino de História”, no qual trabalhamos com todos os recursos tecnológicos encontrados. No final dos seis encontros do curso, analisamos as discussões realizadas durante esta formação, juntamente com o questionário aplicado, para entender como ocorre essa fluência entre tecnologias e o ensino de História pelos professores da rede pública. Verificamos que as tecnologias digitais eram pouco utilizadas para o ensino de História, com ressalva para pesquisa na área. Os profissionais que dispuseram seu tempo para participar da formação continuada, tiveram a oportunidade de conhecer algumas formas de integrar os recursos tecnológicos e a história do Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias digitais. Ensino de História. Aprendizagem. Formação de professores.

ABSTRACT

This research in the area of concentration of the teaching of History: Sources and Languages, in the line of research of Languages and Culture in the teaching of History, aims to analyze how the teachers of the public network of Flores da Cunha insert the digital culture in the classes of History, with a cut in the history of Rio Grande do Sul. Since then, there has been support, mainly, in the studies of Kenski, Lemos, Lévy, in the search for theoretical reference to base is written. We live in a digital age, where the school can not stand against this process; it is necessary to take advantage of these technological tools in the process and teaching and learning. This study was organized, firstly, with the influence that the new technologies of education have in the educational institutions; from which the formation of teachers for their use in the school was listed. After that, fifteen existing applications were presented for the teaching and learning of history, in the context of our state. With the aid of a questionnaire and previous data collection, the final product was created, a continuing training course for the reference teachers of the 5th grade class and teachers of History of the network, entitled "The mediator teacher: student, teacher interaction and technologies in teaching History", in which we work with all the technological resources found. At the end of the six course meetings, we analyzed the discussions carried out during this training, together with the questionnaire applied, to understand how this fluency between technologies and the teaching of history by public school teachers occurs. We verified that the digital technologies were little used for the teaching of History, with reservation for research in the area. The professionals who took the time to participate in the continuous training had the opportunity to know some ways to integrate technological resources and the history of Rio Grande do Sul.

KEYWORDS: Digital technologies. Teaching History. Learning. Teacher training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Museu da pessoa	31
Figura 2 – Museu era virtual.....	31
Figura 3 – <i>Stoneage sam</i>	32
Figura 4 – Exposição da Independência	33
Figura 5 – Grandes navegações	34
Figura 6 – Grandes navegações: comércio triangular	34
Figura 7 – Quiz racha cuca – Rio Grande do Sul II	35
Figura 8 – Blog Revolução Farroupilha	36
Figura 9 – Os personagens da Revolução Farroupilha	37
Figura 10 – Linha do tempo	37
Figura 11 – Guerra dos Farrapos I	38
Figura 12 – Adágios gaudérios	39
Figura 13 – Combate do Barro Vermelho	39
Figura 14 – Jogo da memória	40
Figura 15 – Revolução Farroupilha	40
Figura 16 – Página PBworks	58

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
OA	Objetos de Aprendizagem
PCNS	Parâmetros Curriculares Nacionais
TICS	Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A INFLUÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO	21
3	FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O USO DAS TECNOLOGIAS	27
4	RECURSOS DISPONÍVEIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	30
4.1	Grandes Navegações: Os europeus na América	42
4.2	<i>Blog</i> sobre a Revolução Farroupilha	46
4.3	Museu da pessoa	49
4.4	As grandes navegações	53
5	CURSO DE FORMAÇÃO	55
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	74
	APÊNCICES	
	Apêndice 1 – Curso de formação continuada	78
	Apêndice 2 – Questionário	79
	Apêndices 3 – Resumo das respostas	86

1 INTRODUÇÃO

“O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber.”
(FREIRE, 1981, p. 47)

Quando se pensa em educação, muitas coisas surgem na mente; a educação formal, certamente é uma delas. Muitos de nós já passaram pelos bancos escolares, encararam o Ensino Fundamental e Médio, encaminharam-se para uma graduação, a fim de buscar profissionalização em uma área com a qual se identificavam.

A trajetória escolar passa por muitos sonhos e momentos, nos quais somos estudantes, atentos aos conteúdos, com o intuito (no meu caso), de um dia, por escolha, tornar-se educador. Tive muitos exemplos de professores emancipadores. A minha meta era seguir seus passos, pois realmente me inspiraram para a carreira de professor. Todos os sujeitos que passam pela trajetória estudantil deixam suas marcas, uns atingem mais, outros menos e também há aqueles dos quais não gostamos nem de nos lembrar.

Eu me constituí educadora graças a bons exemplos que tive ao longo deste percurso e por acreditar que a educação é o caminho para um mundo melhor e mais emancipado. A escolha pelo curso de Pedagogia fez com que pudesse voltar à escola, não mais como aluna, mas sim como uma educadora que acredita que todos temos a capacidade de transformar o mundo numa sociedade mais justa e democrática. Quanto mais investirmos em educação, uma educação transformadora, mais perto estaremos desta utopia.

Iniciei minha carreira na Educação Infantil, como a maioria dos pedagogos recém-formados; permaneci nesta função por três anos, concomitantemente com os estudos de um curso de especialização *lato sensu* em Gestão Educacional e dediquei-me a concursos públicos na área de formação. Foi quando, outubro de 2012, ocorreu minha primeira nomeação para professora, no município de Flores da Cunha.

A partir deste marco em minha carreira profissional, começou também o interesse pela história do Rio Grande do Sul, estado onde nasci e resido atualmente. Por que não lembro de ter estudado na escola sobre o mesmo?

Não tenho a resposta para esta indagação, mas sei perfeitamente que, quando encerrei o bimestre (outubro a dezembro de 2012), como educadora na rede pública, na primeira escolha de turmas da qual participei “sobrou” uma de 5º ano, deparei-me com o conteúdo “História do Rio Grande do Sul”. Literalmente sobrou, pois ninguém escolheu e, como era a mais nova da escola, seria esta a minha turma para o ano seguinte. Assim, começou a busca por materiais para a disciplina de História, a história do nosso estado; incansável busca em livros didáticos, paradidáticos e principalmente na internet.

O papel de educador é muito importante e é preciso estar em constante aperfeiçoamento, pois vive-se numa época em que há acesso a qualquer tipo de informação por meio da internet. Fatos e acontecimentos têm divulgação, através dos meios de comunicação, quase em tempo real. Nesta caminhada profissional, temos a responsabilidade com muitas vidas: a dos alunos, de seus familiares e, também, com o contexto que nos rodeia. Os alunos já nasceram nessa sociedade em rede. Nós, professores, estamos preparados para tudo isso?

Neste sentido, esta pesquisa é sobre a fluência que os profissionais da educação têm com os recursos tecnológicos na escola, mais especificamente nos processos de ensino e aprendizagem da disciplina de História. A sociedade contemporânea exige que os sujeitos sejam capazes de viver em uma coletividade informatizada e de rápidas mudanças. Os recursos tecnológicos fazem parte da nossa vida de forma irreversível e precisam ser inseridos na escola, para que possam contribuir para a melhoria do processo educacional.

As novas tecnologias alteram o comportamento social na forma de atuar, relacionar, estudar, aprender, produzir e pensar. O conhecimento se torna global, integrando novos saberes e flexibilidade para atingir os grandes resultados nesta nova etapa do conhecimento.

Com aplicações com Twitter (microblog contínuo), a relação social pelo ciberespaço torna-se quase permanente: pessoas da mesma rede compartilham o dia a dia, ou mesmo sobre uma base horária, suas atividades cotidianas. As redes sociais on-line tornam-se cada vez mais

“tácteis”, no sentido em que é doravante possível sentir continuamente o pulso de um conjunto de relações. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 12).

Essas relações acontecem na sociedade, na escola e também na sala de aula. O elo de ligação entre as informações e a educação precisa de um mediador; neste caso, o professor é o mediador e facilitador do processo de interação de conceito, habilidades e uso da tecnologia educativa. Porém, esses profissionais da educação nem sempre estão preparados, suficientemente, para as rápidas mudanças que acontecem no cotidiano da era digital. Assim, acredita-se ser necessária uma formação continuada, que aperfeiçoe conhecimentos para a fluência dessas tecnologias e, conseqüentemente, seu uso pedagógico em sala de aula, neste caso, na disciplina de História no Ensino Fundamental.

Para que ocorra aprendizagem, o educador precisa ter um planejamento, ser participativo e interativo com os alunos; assim concorda-se com Luciano, Boff e Chiaramonte, quando referem que o professor deve contribuir para o desenvolvimento de sujeitos autônomos.

O professor pode e deve participar do ambiente de aprendizagem, um espaço em que os interagentes possam atuar e trabalhar juntos em problemas e projetos significativos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades necessárias à formação de indivíduos autônomos e cooperativos (aqui compreendido como o que coopera na ação e ajuda na transformação do conhecimento), desenvolvendo habilidades que possam resultar no bem-estar da comunidade, em seu progresso social. (LUCIANO; BOFF; CHIARAMONTE apud VALENTINI; SOARES, 2010, p. 212).

Após a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, verificou-se que existe uma infinidade de dissertações voltadas para o uso das tecnologias em sala de aula, principalmente no que se refere ao raciocínio lógico-matemático e a línguas estrangeiras. Quando se trata da disciplina de História, esse número diminui um pouco e, consideravelmente, na temática da História do Rio Grande do Sul, conteúdo programático para o Ensino Fundamental.

Quando na interação com professores, das diversas áreas, que atuam diariamente na escola, questiona-se sobre os aplicativos existentes para trabalhar os conteúdos da História do Rio Grande do Sul. A maioria tem uma resposta unânime em relatar que não existe ou que não conhecem nenhum, apenas alguns aplicativos educacionais sobre o contexto da Revolução Farroupilha. Porém, quando iniciado

este estudo, logicamente, encontraram-se diversos aplicativos para serem trabalhados em sala de aula, nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira. Houve dificuldades em identificar algum sobre História e mais ainda no contexto do nosso estado, mas eles existem e podem ser utilizados em sala de aula.

Diante de uma sociedade globalizada e tecnológica, em que a aprendizagem é facilitada pelos diversos meios de comunicação, a escola formal ainda está na contramão desse processo. Nesse contexto, o presente estudo teve como finalidade analisar as estratégias de incorporação, na escola pública, dos aplicativos para ensino da História do Rio Grande do Sul, pelos profissionais da educação. As modificações tecnológicas deram origem a uma sociedade da informação. Diante disso, é necessário um estudo a respeito da formação dos professores, como meio para facilitar o uso das tecnologias em sala de aula.

A pesquisa sobre o uso dos recursos tecnológicos disponíveis ensejou inserir a cultura digital nas aulas de História, no contexto da História do Rio Grande do Sul, conteúdo programático para o 5º ano do Ensino Fundamental. Como trajetória de educadora da rede pública, nos municípios de Caxias do Sul e Flores da Cunha, surgiu a dificuldade que a maioria dos pedagogos, que ministram a disciplina nestas turmas, em específico, tem em encontrar materiais diversificados e dinâmicos que facilitem o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes.

Nesse sentido, promoveu-se um curso de formação para professores, a fim de divulgar os aplicativos educativos encontrados, bem como as formas de inseri-los nas aulas de História e possíveis discussões no ambiente escolar sobre os temas em questão, especificamente para o 5º ano do Ensino Fundamental, como forma de aperfeiçoar práticas docentes e colaborar para o processo de ensino e aprendizagem ser ainda mais efetivo.

Lévy (1999) contribui com esse relato considerando que todo profissional precisa de formação continuada, isto é, que as competências desenvolvidas, no início de sua carreira, precisam ser renovadas frequentemente.

Foi com a intenção de reatualizar a prática pedagógica, que iniciamos esta pesquisa de mestrado, buscando constantemente desenvolver aulas mais

interativas, voltadas para o contexto dos estudantes e, conseqüentemente, para que a escola cumpra seu papel social na formação de cidadãos.

Dessa forma, houve o intuito de responder às questões: Como os profissionais que atuam no Ensino Fundamental utilizam as tecnologias no contexto da História do Rio Grande do Sul, diante dos recursos tecnológicos disponíveis para essa temática? Qual a formação desses profissionais? Existe uma formação continuada para acompanhar as mudanças da sociedade em rede?

Sendo assim, pretendeu-se investigar quais são os meios tecnológicos utilizados na educação formal; quais as estratégias de utilização desses equipamentos pelos profissionais da educação, em especial dos que atuam no Ensino Fundamental, para a elaboração de atividades que insiram os recursos tecnológicos na sala de aula; identificar a utilização das tecnologias da informação e comunicação, através de questionário, nas aulas de História, como meio para introduzir a cultura digital no Ensino Fundamental, na rede municipal de ensino de Flores da Cunha; promover o processo de ensino e aprendizagem.

Perante tanta tecnologia, cabe ao professor adentrar-se nessa nova realidade, devendo ampliar o espaço da sala de aula de formas variadas, gerenciando aulas a distância, orientando projetos e pesquisas com os alunos, usando as ferramentas disponíveis, de modo a orientar o aluno quanto à utilização das tecnologias de maneira contextualizada e colaborativa.

Esse desafio implica ampliar a capacidade de propor atividades de aprendizagem renovadas, utilizando-se das tecnologias de informação e comunicação, de forma a propor aos alunos desafios para a reconstrução de conhecimentos já existentes e o incentivo para a construção de novos.

É a partir deste incentivo à construção de novos conhecimentos, que foi proposto um curso de formação e aperfeiçoamento para a inserção da cultura digital nas aulas de História do Ensino Fundamental, aos professores da rede municipal de Flores da Cunha. Nesta capacitação, foram trabalhados alguns aplicativos educativos para o ensino de História, bem como suas noções de tempo, espaço e relações sociais presentes, direta e indiretamente nestes, pois os estudantes estão a todo momento conectados ao mundo virtual que os rodeia. Concorde-se com Lévy no quesito de o professor precisar ser um mediador da aprendizagem na sociedade.

O professor se torna um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão ao seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p.171).

No currículo escolar, a disciplina de História é atrativa ou não, isso depende, em grande parte da maneira como os professores desenvolvem suas aulas, dos recursos que utilizam, da participação na confecção e organização destes materiais. A mobilização é um fator decisivo para a aprendizagem de determinados conteúdos. Ao optar por aplicativos *online* ou jogos, como estratégia de ensino, o professor o faz com a intenção de propiciar a aprendizagem. E, ao fazer isso, tem como propósito o processo de ensino de um conteúdo ou desenvolver uma habilidade.

Quando surgiu a oportunidade de realizar a pesquisa, envolvendo a área em que se está inserida, como educadora de uma turma de 5º ano, começou-se a busca por bibliografia, e saber o que já foi escrito anteriormente sobre o tema em questão. Há muito material sobre tecnologias, pois é um tema em alta no momento; sobre formação de professores, também é notório o número de documentos encontrados. Essa pesquisa e a coleta por matérias aconteceu no último semestre de 2016, concomitante com o ingresso no mestrado. Essa busca ocorreu em portais e *sites*, tais como: Google Acadêmico, Instituto Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologias (Ibicit), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica (PUC), entre outros.

Na busca, utilizando os descritores *formação de professores* e *uso das tecnologias*, foram identificados: uma monografia, nove artigos, nove dissertações e cinco teses. Com o descritor *formação de professores*, foram cinco dissertações, cinco artigos e cinco teses. Com o descritor *uso das tecnologias*, foram quatro artigos, quatro dissertações e uma monografia. Segue abaixo o Quadro 1, como registro da busca realizada, para dar início ao trabalho de pesquisa, e até mesmo como conhecimento do que foi produzido nesta temática.

Quadro 1 – Pesquisa de Descritores

Portal/site	Descritor	Palavras-chave	Título	Ano	Autor	Instituição	Nível
Google acadêmico	Formação de professores para o uso das tecnologias	Tecnologia da informação e comunicação Novas tecnologias na educação Prática docente	Novas tecnologias na sala de aula	2014	<u>Ferreira, Maria José</u> <u>Morais Abrantes</u>	UEPB	Monografia
IBICT	Formação de professores, uso das tecnologias	Formação de professores em serviço; formação contínua de professores; orientador pedagógico; política educacional	A formação continuada de professores dos anos finais do Ensino Fundamental: o caso da rede municipal de Campinas	2016	<u>Alves, Marco Aurélio</u>	PUC	Dissertação
IBICT	Formação de professores, uso das tecnologias	Tecnologias da informação e comunicação (TIC) práticas pedagógica na formação do professor	Professor e o uso da informática em escolas públicas: o exemplo de Campinas	2010	Barreto, Patricia	PUC	Dissertação mestrado
Google acadêmico	Formação de professores para o uso das tecnologias	Tecnologias da informação e comunicação na Educação; Fazer Pedagógico; Gestão Escolar.	Apropriações das tecnologias digitais e em rede por professores: experiências nas escolas estaduais do Ceará, Brasil	2013	Adriana Rocha Bruno 1 Luciano Nery Ferreira Filho 2	Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 133-152	Artigo
Google acadêmico	Formação de professores para o uso das tecnologias	Formação de professores, pesquisa, currículo e representações sociais	A pesquisa na formação de professores: experiências e representações	2009	Maria Regina Bortolini	UFRJ	Tese de doutorado
Google acadêmico	Formação de professores para o uso das tecnologias	Cibercultura, prática pedagógica, blog	<i>Blog</i> como recurso didático: instrumentação e reconfiguração da prática docente na cibercultura	2011	Márcio Roberto de Lima 1	Revista Tecnologias na Educação, ano 3, n. 1, ISSN 1984-4751. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Artigo
BDPIC		Ensino de História/Novas tecnologias/informática	Ensino da História e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma reflexão	1999	Carlos Augusto Lima Ferreria	Revista de História Regional, v.4, n. 2, p.139- 157, Inverno	Artigo
Google acadêmico	Formação de professores; uso das tecnologias	Formação de professores; políticas educacionais; tecnologias da informação e comunicação; recursos educacionais abertos	A potência didática dos recursos educacionais abertos para a docência na contemporaneidade	2013	Lucila Pesce 1	Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 195-210. Artigos. ISSN 1982-7199.	Artigo

						Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil	
PUCPR	Formação de professores; uso das tecnologias	Utopia, esperança; Inédito viável; formação de professores; Transformação da realidade	Provocações antecipatórias ou a esperança como inédito viável: a contribuição do pensamento utópico de Paulo Freire para a formação de professores	2014	Juliano Peroza	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Tese de doutorado
Google acadêmico	Formação de professores; uso das tecnologias	Formação docente; Tecnologias digitais; Educação integral	Reflexões teóricas e práticas sobre os novos letramentos e as tecnologias digitais: relato de formação docente	2013	Eduardo S. Junqueira 1; Adriana Paula Amorim 2; Carla Sousa Braga 3 Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil	Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 85-96. Artigos. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil	Artigo
UCS	Formação de professores; uso das tecnologias	Tecnologias digitais; Educação. Linguagem; Ensino; Aprendizagem; Sistema de ajuda; Texto de ajuda	Linguagem e educação nos processos interativos de ensino e de aprendizagem no uso de tecnologias digitais	2014	Ana Paula Carissimi Bulla	UCS	Dissertação de Mestrado
UCS	Formação de professores; Uso das tecnologias	Formação de professores; Uso das tecnologias	(Trans)formação de professores em acoplamento com as tecnologias digitais	2015	Márcia Buffon Machado	UCS	Dissertação de Mestrado
UCS	Formação de professores; Uso das tecnologias	Tecnologias móveis; Gestão escolar; Modalidade 1:1; cartografia	Tecnologias móveis na escola: movimentos da gestão escolar	2015	Sintian Schmidt	UCS	Dissertação de Mestrado
	Formação de professores; Uso das tecnologias	Escola; Professores; Tecnologias digitais; Currículo; Interdisciplinaridade	Tecnologias digitais, currículo e interdisciplinaridade na escola: um <i>link</i> possível a partir da ação docente	2015	Aline de Oliveira da Conceição Cardoso	Revista Educação Por Escrito, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 208-219, jul./dez. 2015	Artigo
PUCPR	Formação de professores; Uso das tecnologias	Formação De Professores; Licenciaturas; Práticas Pedagógicas; Referenciais Epistemológico-Formativos De Professores	Da relação prático-pedagógica e formação inicial na licenciatura: a sistematização dos referenciais	2015	Fernando Guidini	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Tese de doutorado

			epistemológicos da formação de professores da educação básica				
UFRGS	Formação de professores; Uso das tecnologias	Contradição; formação de professores em serviço; Teoria e prática pedagógica; Ação-reflexão-ação; Pesquisa; professor pesquisador	Formação de professores em serviço: contradições na prática pedagógica	2008	Luís Fernando Minasi	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Tese de doutorado
USP	Formação de professores; Uso das tecnologias	Educação; Educação matemática; Etnomatemática; Formação continuada	Formação continuada dos professores e professoras do município de Barueri: compreendendo para poder atuar	2007	Régis Luiz Lima de Souza	Universidade de São Paulo	Dissertação de Mestrado
PUCPR	Formação de professores; Uso das tecnologias	Representações sociais; Formação continuada de professores; Políticas educacionais	Representações sociais de professores da rede municipal de Araucária/PR sobre a formação continuada	2014	Arlete do Rocio Ribeiro Lopes	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Dissertação de Mestrado
	Formação de professores; Uso das tecnologias	Conectivismo; Mundos virtuais; Educação superior	Mundos virtuais e educação: desafios e possibilidades	2013	Aristóteles da Silva Oliveira, Senac – Alagoas; Fernando Silvio Cavalcante Pimente; Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Luís Paulo Leopoldo Mercado; Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Tatiane Campos, Instituto Zumbi dos Palmares	Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 227-240. Artigos. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil	Artigo
	Formação de professores; Uso das tecnologias	Formação continuada; Professor formador; Construção do conhecimento; <i>Laptops</i> educacionais	O papel do professor formador em uma ação de formação: uma experiência na abordagem construcionista	2013	Ádamo Duarte de Oliveira 1; Suely Scherer 2 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, (UFMS), Brasil	Revista Eletrônica de Educação, v. 7, n. 2, 2013, p. 97-114. Artigos. ISSN 1982-7199. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil	Artigo
	Formação de	Recursos educacionais	Recursos educacionais	2014	Edilaine Vagula	Pontifícia	Tese de doutorado

PUCPR	professores; Uso das tecnologias	abertos; Educação básica; Tecnologia educacional; Formação de professores; Paradigma da complexidade	aberto: formação de alunos e professores de uma escola pública			Universidade Católica do Paraná	
Instituto Federal Goiás	Formação de professores; Uso das tecnologias	Tecnologias na educação; Formação do professor; Ensino de História	Educação e tecnologias: inter-relações entre teoria e práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental		Raylson dos Santos Cutrim, Faculdade Latino-Americana de Educação (Flated) Fortaleza, CE, Brasil; Francisco Renato Lima; Universidade Federal do Piauí (UFPI) Teresina, PI, Brasil	Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas, v. 8, n.2, p. 148-165, 2015 DOI http://dx.doi.org/10.14571/cets.v8i2.244	Artigo
PUCPR	Formação de professores; uso das tecnologias	Projeto político-pedagógico; Tecnologias educacionais; Educação Básica	A integração das tecnologias nos projetos político-pedagógicos: realidades e desafios	2013	Marilusa Rosari	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Dissertação de Mestrado
PUC- Minas	Formação de professores; uso das tecnologias	Tecnologias digitais; Formadores dos formadores; Curso de Pedagogia; Computador na educação	Um olhar docente sobre as tecnologias digitais na formação inicial do pedagogo	2004	Patrícia Maria Caetano de Araújo	Pontifícia Universidade Minas Gerais	Dissertação de Mestrado

Fonte: Elaboração da autora.

Nesta pesquisa, encontramos material sobre o uso das tecnologias na escola; porém, não existe quase nada escrito sobre o uso dos aplicativos para a inserção da cultura digital nas aulas de História, no contexto do nosso estado. Daí a grande importância e relevância deste trabalho de pesquisa. Acredita-se que, por esse tema ser complexo e se ter a necessidade de um trabalho dinâmico com os alunos, que estão no Ensino Fundamental, aulas diferenciadas, para que os estudantes consigam apreender este conteúdo, com linguagem mais simples e clara, facilita o entendimento para essa faixa etária, que varia entre 10 e 12 anos, basicamente.

A metodologia deste estudo teve como base pesquisa qualitativa e de campo que, em uma primeira etapa, realizou a revisão bibliográfica do material didático, relacionado ao uso dos recursos tecnológicos nas instituições formais de ensino, e outra etapa com realização de pesquisa de campo, por meio de um questionário com perguntas fechadas e abertas e coleta de dados com os participantes do curso de formação. A partir deste, buscou-se analisar como os professores da rede municipal de ensino de Flores da Cunha inserem a cultura digital nas aulas de História, no contexto do ensino da História do Rio Grande do Sul no Ensino Fundamental.

Os instrumentos de pesquisa levaram em consideração o perfil dos professores que responderam ao questionário e que fizeram parte do curso de formação continuada, no que se refere à formação e ao tempo de magistério, bem como a sua prática docente diariamente nas aulas de História, tanto nas séries iniciais quanto nas finais, para o uso das tecnologias. Cada questionário foi enviado pelo pesquisador, por *e-mail*, através de um formulário *online*, e material impresso, dos quais foram utilizados os dados para análise. Então, deparou-se com o primeiro empecilho da pesquisa: dos 20 questionários enviados, que incluem professores que atuam como referência no 5º ano e os profissionais que ministram a disciplina de História, apenas três enviaram o questionário *online*, mesmo após tentativas de lembretes para responder. Perante o acontecido, foram impressas as perguntas e entregues para os coordenadores pedagógicos de cada escola da rede municipal, foco deste estudo. Mesmo assim, não se receberam todos os questionários encaminhados.

A partir deste acontecimento, mudou-se a estratégia de aplicação e análise dos mesmos. Como seria aplicado um curso de formação continuada, foi solicitado, apenas para os professores que se inscreveram para participar da capacitação, que respondessem no primeiro encontro a enquete acima referida. Dessa forma, foi realizada a análise do questionário e da formação continuada, assim experimentando, tentando e mudando estratégias.

Na revisão bibliográfica, encontramos formas como a escola trabalha com os estudantes desta sociedade em rede, como os aplicativos podem ser inseridos nas mais diversas aulas e as teorias até o momento desenvolvidas.

A tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, assim como na educação. Lévy (1999) afirma que estamos vivendo o início de uma transformação cultural, em que a forma de construir o conhecimento é colaborativa. Lévy explica que os educadores precisam “mergulhar” na cultura digital, para compreender o universo dos estudantes. Além disso, ele salienta que os professores devem usar as ferramentas virtuais em benefício da educação, explorando suas singularidades e dando mais espaço para que os estudantes participem mais ativamente do processo de ensino e aprendizagem. Este pesquisador é usado como base teórica da pesquisa, bem como Kenski, Teixeira, Castells, Lemos, entre outros que discutem a temática, bem como Vygotsky (2007, p. 33), que teoriza sobre o ato de experienciar, isto é, ao experimento cabia o importante papel de desvendar os processos que, comumente, estão encobertos pelo comportamento habitual.

2 A INFLUÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

“A consciência de si dos seres humanos implica na consciência das coisas, da realidade concreta em que se acham como seres históricos e que eles aprendem através de sua habilidade cognoscitiva.”

(FREIRE, 1981, p. 116)

Quando se pensa no ensino tradicional e no sociointeracionista, talvez o ponto onde existe uma crucial mudança é na interatividade do professor com o aluno. Enquanto o ensino tradicional é baseado no professor, como detentor do saber e que ensina para transmitir conhecimentos aos alunos, que são meros espectadores, em que o ensinar é muito mais importante que o aprender e que a decoreba é a palavra de ordem, na educação dita contemporânea é exigida uma interação entre professores e alunos, para uma troca de conhecimentos. Aí o aprender tem maior relevância, e o aluno é sujeito ativo de sua aprendizagem. As tecnologias são uma forma de auxiliar neste processo, como bem coloca Kenski:

As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas medições entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. (KENSKI, 2012a, p. 45).

A escola é a instituição social por onde todos passam ou vão passar um dia; com a obrigatoriedade da educação pública, isso se concretizou e ainda garantiu o acesso a todos à educação formal. Porém, o saber, o conhecimento, já não é mais único e somente dos professores e da escola. Vivemos, na era digital, que é muito simples fazer uma pesquisa sobre qualquer tema usando a internet e inúmeras respostas aparecem. Segundo Kenski as instituições escolares precisam estar atentas a todas essas mudanças ao nosso redor:

Em um mundo em constante mudança, a educação escolar tem de ser mais do que uma mera assimilação certificada de saberes, muito mais do que preparar consumidores ou treinar pessoas para a utilização das tecnologias da informação e comunicação. A escola precisa assumir o papel de formar

cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas. (KENSKI, 2012a, p. 64).

Acredita-se que a escola está vagarosamente mudando, as tecnologias estão auxiliando neste processo, até mesmo na questão de que o professor precisa estar atualizado, pois não é mais o único detentor do saber. O conhecimento se faz presente para quem quiser, neste mundo globalizado. Temos esperança que a maioria dos profissionais que atuam na educação escolar sejam mediadores, tornando os alunos sujeitos ativos do processo de aprender, instigando sua curiosidade todos os dias. De acordo com Teixeira, é necessário haver preocupação com a papel social da escola.

A escola, enquanto instituição social deliberadamente criada para se ocupar dos processos educacionais, constitui o ponto de partida para as abstrações e reflexões a serem efetivadas, uma vez que tem assumido funções que vão muito além de transmissão de informações e da pretensa construção de conhecimento. (TEIXEIRA, 2010, p. 44).

O que talvez o professor tenha que refletir ao defrontar-se com as novas tecnologias, alcançando seu espaço e contribuindo com o processo de ensino, não é apenas uma mudança pessoal, que deve desenvolver em função da tecnologia em constante evolução, mas, sim, que a sociedade como um todo se transformou. E o seu desafio é manter o educando interessado em buscar novos conhecimentos e, para isso, ele precisa adentrar o meio tecnológico e aprender a se comunicar com a sociedade e também com esse aluno multimídia. Kenski (2012a) já nos fala que a tecnologia é a integração individual e social.

[...] educação e tecnologias são indissociáveis. Segundo o dicionário *Aurélio*, a educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social”. Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação. (KENSKI, 2012a, p. 43).

Ainda segundo essa autora, a escola sonhada precisa ter o suporte necessário, com investimentos na estrutura física, na formação de professores, na inserção da cultura digital, para, a partir de aí as tecnologias desempenharem o processo de ensino e aprendizagem com qualidade.

Por maior e melhor que seja a estrutura tecnológica, sozinha, ela não consegue realizar nenhum projeto educacional de qualidade. O investimento maciço em treinamento de professores para o domínio técnico do uso de computadores também não vai resolver o problema. Nem mesmo a formação pedagógica e crítica para o desenvolvimento de projetos educacionais de acordo com os mais novos paradigmas e teorias educacionais vai levar a escola a alcançar os novos índices almejados de qualidade. Todas essas condições são necessárias, precisam estar presentes no projeto dessa nova escola; no entanto, elas ainda não são suficientes. A escola do tamanho do mundo, que se viabiliza pelo uso intensivo das tecnologias e das redes digitais, precisa ser vista com uma nova mentalidade. (KENSKI, 2012a, p. 125).

No contexto educacional atual, tanto alunos como professores têm muitas possibilidades de acesso às tecnologias. O uso de celulares conta com aplicativos das diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, iMathematics para ensino de matemática; Duolingo para a aprendizagem de língua estrangeira; História Online, que podem sim ser utilizados pelo professor, no processo de ensino e aprendizagem. Assim, os alunos desenvolvem habilidades de forma dinâmica, com o uso destes aplicativos. Dessa forma, o professor necessita de formação continuada que o prepare para essa renovação no processo.

É preciso reconhecer o professor como um profissional que precisa de apoio e condições para a vivência dessa cultura e para manutenção da fluência tecnocontextual, em momentos de formação contínua, de acesso amplo e irrestrito às TRs e de condições financeiras para reciclagens profissionais. (TEIXEIRA, 2010, p. 64).

Kenski (2012a) diz que essas “novas possibilidades tecnológicas alteram todas as nossas ações, as condições de pensar e de representar a realidade e, especificamente, no caso particular da educação, a maneira de trabalhar em atividades ligadas à educação escolar”. (KENSKI, 2012a, p. 29).

Podem ser utilizados os conceitos de Vygotsky para entender o processo de aprendizado pelos alunos, tanto nas aulas mais tradicionais como nas mais dinâmicas com o uso das tecnologias. Ele mesmo nos remete que

o aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. [...] o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKY, 2007, p.103).

Frente a essa era tecnológica, com as constantes mudanças na Ciência e na tecnologia, a escola não pode ficar no mundo avessa aos acontecimentos, pois os estudantes estão inseridos na era digital, ou praticamente já nasceram nela. Neste contexto, estão os professores, que, muitas vezes, têm resistência em sair da sua zona de conforto e se permitir buscar novas experiências.

Assim, cabe ao professor ser um orientador dos estudantes para o seu desenvolvimento cognitivo. “O professor, em um mundo em rede, é um incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais”. (KENSKI, 2012b, p. 93). O espaço da sala de aula já não é o mesmo de antigamente, ou não deveria ser, pois entende-se que alunos e professores são sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem e que compartilham experiências.

A cibercultura evoca sempre um pensamento sobre o futuro. Deve-se diagnosticar o presente e tencioná-lo com o passado para pensar o futuro. (LEMOS, 2010, p. 21). É preciso revisitar o passado e, se for pensado neste ponto, na questão da educação, quanto o professor ganhou em possibilidades de conhecimento e aprendizado, pois a Internet e as ferramentas tecnológicas fornecem um suporte com grande valia.

O caráter de fundo da cibercultura pode emergir em três tendências em ressonância mútua: a interconexão, a criação de comunidade e a inteligência coletiva. A *interconexão* é um fenômeno muito geral: tece relações entre territórios, entre computadores, entre meios de comunicação, entre documentos, entre dados, entre categorias, entre pessoas, entre grupos e instituições. Ela cruza as distâncias e fusos horários. Ela atravessa as fronteiras geográficas e institucionais. Ela cria curto-circuitos entre os níveis hierárquicos e as culturas. A *criação de comunidades* é tão antiga quanto os *boletim board systems* (BBS), O Minitel ou a Internet. Os sistemas de correio e de fóruns eletrônicos, da mesma maneira que “as comunidades virtuais”, existiam nos anos 70 do século XX bem antes da *web*. Esses animais sociais que são os seres humanos exploram todas as possibilidades de criar relações, comunicar, fabricar comunidades: o

ciberespaço representa a esse respeito o *nec plus ultra* tecnológico. Finalmente, a *propensão à inteligência coletiva* representa o apetite para o aumento das capacidades cognitivas das pessoas e dos grupos, que seja a memória, a percepção, as possibilidades de raciocínio, a aprendizagem ou a criação. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 14).

A cibercultura para Lemos é uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição de informação, criando novas relações de trabalho e, no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 21-22).

A aprendizagem coletiva se dá pelo princípio da colaboração em rede, princípio que rege a cibercultura em seu conjunto de práticas sociais e comunicacionais. As novas tecnologias da informação e comunicação alteram os processos de comunicação, de produção, de criação e de circulação de bens e serviços neste início do século XXI, trazendo uma nova configuração social, cultural, comunicacional e, conseqüentemente, política. Essa nova configuração emerge com os três princípios básicos da cibercultura: liberação da emissão, conexão generalizada e reconfiguração social, cultural, econômica e política. Estes princípios vão nortear os processos de “evolução cultural” contemporâneos. Sob o prisma de uma fenomenologia do social, esse tripé (emissão, conexão, reconfiguração) tem como corolário a mudança social na vivência do espaço e do tempo. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 45).

De acordo com os estudos de Lévy e Kenski, as tecnologias já estão incorporadas na vida do ser humano; desempenham um papel social, cultural, político, financeiro, entre outros, que parece ser fundamental seu manejo na vida do ser humano, demonstrando a importância do uso dessas tecnologias também nas escolas. Lemos (2010) nos fala, além das tecnologias, em cultura digital, conceituando a cibercultura em três princípios básicos: emissão, conexão e reconfiguração.

A nova potência da emissão, da conexão e da reconfiguração, os três princípios maiores da cibercultura, estão fazendo com que possamos pensar de maneira mais colaborativa, plural e aberta. Sempre que podemos emitir livremente e nos conectar a outros, cria-se uma potência política, social e cultural: a potência da reconfiguração e da transformação. A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas, multimodais e planetárias de recombinações. Quanto mais podemos livremente produzir, distribuir e compartilhar informação, mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar. (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 27).

Parar e pensar a sala de aula, ainda não é suficiente, temos a liberação do polo de emissão, pois quem emite é o professor, e ainda vivemos em uma

sociedade que acredita que uma turma “boa” é a mais silenciosa, a que escuta e está atenta ao professor, não deixando espaço para discussão, debate, pois pode causar “bagunça”, que é mais difícil de controlar; assim não se permite também a conexão. Segundo Lemos (2010), convém ter a consciência destes três pólos: emissão, conexão e reconfiguração.

Um primeiro princípio da cibercultura é a “liberação” da palavra. [...] Desse primeiro princípio podemos destacar uma primeira constatação: a liberação da emissão é correlata ao aumento da esfera pública mundial e da emergência de novas formas de conversação e de veiculação de opinião pública, agora também planetária. A transformação da esfera mediática pela liberação da palavra se dá com o surgimento de funções comunicativas pós-massivas que permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação, *consumir, produzir e distribuir informações* sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo sem ter de movimentar grandes volumes financeiros ou ter de pedir concessão a quem quer que seja. [...] Da liberação da palavra em redes telemáticas emerge um segundo princípio: o da conexão e da conversação mundial (ou o que Lévy chamou de “inteligência coletiva”). A liberação da emissão e a circulação da palavra em redes abertas e mundiais criam uma interconexão planetária fomentando uma opinião pública ao mesmo tempo local e global. (LE MOS; LÉVY, 2010, p. 25).

Da liberação da emissão, da descentralização e das interconexões e informações ocorre o terceiro princípio da cibercultura, que é a reconfiguração social, cultural e política. Segundo Lemos (2010, p. 26): “Há uma reconfiguração do sistema infocomunicacional global. [...] A emissão livre e em rede cria uma potência para a reconfiguração social e política”.

Se não se permite a liberação dos pólos de emissão e conexão, também não se terá a reconfiguração, pois um depende do outro; é impossível a inversão dos papéis. De acordo com Lemos (2010, p. 60): “Um dos desafios da ciberdemocracia do futuro será conseguir articular o cidadão informado, produtor e permanentemente conectado às formas organizativas antigas do espaço, aos novos espaços da memória e ao vínculo comunicativo”.

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O USO DAS TECNOLOGIAS

“Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.”

(FREIRE, 1981, p. 7)

Não se quer que o computador ou o *tablet* substituam o quadro e o giz, mas que realmente façam parte de um processo de interação entre professor, aluno e as tecnologias disponíveis na instituição escolar. As novas tecnologias de informação e de comunicação não diminuirão o trabalho dos educadores, porém podem facilitar o ensino e a aprendizagem.

A nova lógica da sociedade da informação traz o professor para o meio do grupo de aprendentes. O professor passa a encarar a si mesmo e a seus alunos como uma “equipe de trabalho”, com desafios novos e diferenciados a vencer com responsabilidades individuais e coletivas a cumprir. Nesses novos agrupamentos de aprendizagem, o respeito mútuo, a colaboração e o “espírito interno da equipe” orientam para a aprendizagem de novos comportamentos e atitudes, tanto do professor como dos alunos. (KENSKI, 2012b, p. 93).

O professor tem a função de ser um mediador nesse processo e para isso precisa estar aperfeiçoando seus conhecimentos diariamente, pois as mudanças, quando se fala em tecnologias, ocorrem a todo instante. E quando se trata da educação de crianças, na faixa etária de 10 a 12 anos, como é o caso do 5º ano do Ensino Fundamental, são os professores que precisam tomar a frente e direcionar a curiosidade dos estudantes. Neste contexto, mesmo com o uso das tecnologias digitais e recursos existentes, para o ensino da História do Rio Grande do Sul, é o profissional que está no comando de sua turma e que precisa mostrar os caminhos. Um desses caminhos seriam jogos e aplicativos com os quais os alunos pudessem, num primeiro momento, na interação com o professor, praticar no coletivo e, quem tiver interesse em casa, como forma de revisão ou de uma aprendizagem mais dinâmica, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem.

As mediações feitas entre o seu desejo de aprender, o professor que vai auxiliar você na busca dos caminhos que levem à aprendizagem, os conhecimentos que são a base desse processo e as tecnologias que vão lhe garantir o acesso a esses conhecimentos, bem como as articulações

com eles configuram um processo de interações que define a qualidade da educação. (KENSKI, 2012a, p. 46).

O acesso à internet e a recursos tecnológicos educativos, sem a devida formação, para os profissionais que atuam na sala de aula, não têm a mesma grandiosidade do que esses professores conhecerem e saberem desenvolver um trabalho bem-elaborado, que instigue a curiosidade e o interesse dos educandos, ao utilizarem os recursos tecnológicos, tendo bem claras quais são as noções de tempo, espaço e relações sociais que estão implícitas e explícitas nesses recursos educativos.

É tarefa do professor estar continuamente aprendendo no seu próprio trabalho, procurar novos caminhos e novas alternativas para o ensino, avaliar e experimentar novas atividades e recursos didáticos, criar e recriar novas possibilidades para sua sala de aula e para a realidade escolar. Isto implica ler e se informar sobre diferentes propostas de ensino de História, debater seus propósitos e seus fins, discutir seus objetivos, criar sua proposta de ensino dentro da realidade da escola, manter claros os objetivos da sua atuação pedagógica, selecionar conteúdos, relacioná-los com a realidade local e regional, sistematizar suas experiências, aprofundar seus conhecimentos, reconhecer a presença de currículos ocultos, moldados e difundidos na prática, explicitá-los e avaliá-los. (BRASIL, 1998, p. 80-81).

Porém para poder encarar-se como aprendente, o educador necessita de tempo para estudo e análise, mas como é possível nem uma jornada de quarenta ou até sessenta horas de trabalho por semana? Precisaríamos de investimentos maciços em educação e valorização de seus profissionais.

O professor tem um papel fundamental, pois, à medida que escolhe determinados aplicativos educativos, tem de ter bem claros quais as habilidades e competências deseja que seus alunos sejam capazes de desempenhar, no final do processo de formação. Buscou-se, nos parâmetros curriculares nacionais, uma base que alicerçasse o que diz respeito aos processos históricos trabalhados em sala de aula, pois se está no presente analisando o nosso passado.

Pretende-se colocar a dúvida e a inquietação sobre a prática pedagógica diária em sala de aula, e que isto se torne o ponto de partida para novas criações, tanto em pesquisas como para o ensino de História às séries iniciais; que os profissionais da educação consigam, realmente, ser professores mediadores e que a interação entre estudante, professor e tecnologias seja constante e infinita, para uma

melhor qualidade e aproveitamento do ensino e da aprendizagem, bem como da educação brasileira como um todo. Como já apontava Nikitiuk,

o processo deve levar a que o aluno construa o seu objeto de conhecimento, desenvolvendo-se como sujeito da investigação e, por consequência, como autor de valores, ideias, conceitos, palavras, discursos e textos, confrontados com a expressão dos colegas – ultrapassando o conhecimento comum que serviu como incentivação inicial. (NIKITIUK, 2012, p. 42).

No planejamento da aula, o professor precisa pensar na metodologia que vai utilizar e nas habilidades que pretende desenvolver, pois não adianta usar os recursos tecnológicos apenas como uma substituição do quadro negro e giz, mas com uma finalidade específica. Kenski (2012a) considera que, para usar um *software*, além de ser importante conhecer esse recurso, também é necessário escolher aquele que melhor se adapte aos objetivos do professor. Concomitante a essa autora, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pretende estimular o pensamento crítico e valorizar a diversidade de sujeitos.

Nesse contexto, um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania. (BRASIL, 2017, p. 400).

Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 402), uma das habilidades esperadas dos estudantes é “produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais”.

4 RECURSOS DISPONÍVEIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

“A relação dialógica é o selo do ato cognoscitivo, em que o objeto cognoscível, merliatizando os sujeitos cognoscentes, se entrega a seu desvelamento crítico.

(FREIRE,1981, p. 116)

Na busca por um modo de inserir cada vez mais a cultura digital nas aulas de História, no contexto do Rio Grande do Sul, deparou-se com 15 recursos tecnológicos para esta temática. Foram selecionados quatro considerados os mais adequados para este momento e que servirão de base para os professores da rede municipal de Flores da Cunha utilizarem como objetos de aprendizagem e *software* educativo para ministrarem suas aulas.

Os Objetos de Aprendizagem podem ser compreendidos como “qualquer recurso digital que possa ser reutilizado para o suporte ao ensino” (WILEY, 2000, p. 3). Os estudos sobre OA são recentes, de forma que não há um consenso universalmente aceito sobre sua definição. Os OA podem ser criados em qualquer mídia ou formato, podendo ser simples como uma animação ou uma apresentação de slides ou complexos como uma simulação. Os Objetos de Aprendizagem utilizam-se de imagens, animações e applets, documentos VRML (realidade virtual), arquivos de texto ou hipertexto, dentre outros. Não há um limite de tamanho para um Objeto de Aprendizagem, porém existe o consenso de que ele deve ter um propósito educacional definido, um elemento que estimule a reflexão do estudante e que sua aplicação não se restrinja a um único contexto. (BRASIL, 2007, p. 20).

Dentre os recursos encontrados oito são sobre a Revolução Farroupilha, dois sobre museus, um sobre a independência, dois elencando as grandes navegações e um mostrando como era na Idade da Pedra. No que diz respeito aos que abordam a temática museus: o Museu da pessoa (figura 1),¹ que trata da vida de pessoas comuns e o Museu era virtual – visita a museus (figura 2),² em que professores e estudantes podem escolher quais museus desejam visitar, como, por

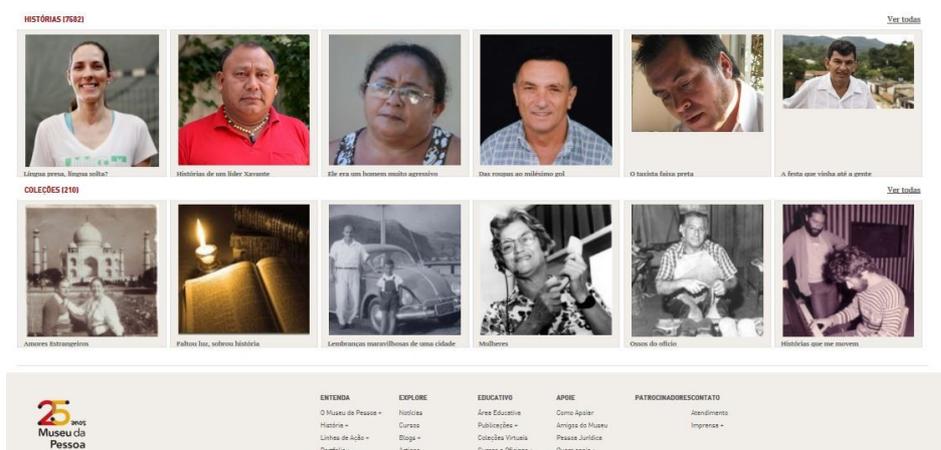
1

Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net>>.

² Disponível em: <<http://eravirtual.org/>>.

exemplo: Museu da Independência – RJ; Museu da Inconfidência; Arte africana, entre outros.

Figura 1 – Museu da pessoa



Fonte: Museu da pessoa (2017).

O Museu da Pessoa é um museu colaborativo de histórias de vida, com a finalidade da valorização da diversidade cultural, no qual os visitantes também pode se tornar parte do acervo ao registrar a sua própria história. O internauta tem a possibilidade de selecionar os temas de seu interesse e refletir sobre diversos contextos.

Já com o Museu da Era Virtual temos a oportunidade de estar conhecendo diversos patrimônios culturais, sem sair realmente de nossa casa ou escola, através de tour virtual, como por exemplo ao Museu de Ouro Preto e Theatro Municipal -RJ.

Figura 2 – Museu era virtual



Fonte: Museu era virtual (2017).

Após, temos o recurso digital *Stoneage Sam*,³ que fala sobre a Idade da Pedra, encontra-se um homem na Antiguidade buscando sobreviver com os recursos da época. É um jogo que pode ser utilizado na educação desde o primeiro ano do Ensino Fundamental.

Figura 3 – *Stoneage sam*



Fonte: clickjogos

A seguir, deparou-se com a Exposição da Independência,⁴ encontrado no Banco Internacional de Objetos Educacionais, que possibilita ao estudante escolher um personagem para fazer a visita a essa exposição; porém, após a escolha do personagem, não é possível trocá-lo, apenas abrindo novamente o jogo; quando se clica nas imagens, aparece um breve texto descrevendo, mas é possível visualizar apenas duas cenas: “Martírio de Tiradentes”, de Aurélio Figueiredo e “A jornada dos mártires”, de Antônio Parreiras.

Figura 4 – Exposição da Independência

³ Disponível em: <<http://www.clickjogos.com.br/Jogos-online/Acao-e-Aventura/Stoneage-Sam>>.

⁴ Disponível em:

<http://imagem.camara.gov.br/internet/midias/Plen/swf/Semana_Independencia/exposicao.swf>.



Fonte: Exposição da Independência. Banco Internacional de Objetos Educacionais.

Acerca dos recursos tecnológicos que abordam as grandes navegações há duas opções de escolha. A primeira refere-se a seis episódios, da Fundação Joaquim Nabuco, Mão Molenga teatro de bonecos, 500 anos, um novo mundo na TV (figura 5),⁵ que trata de mundos distintos que se cruzam – América, África e Europa – em busca de riquezas para uns e exploração para outros. O segundo item sobre a temática é intitulado Grandes navegações (figura 6),⁶ em que é possível encontrar quatro subtítulos “As grandes navegações dos séculos XV e XVI – A viagem de Fernão de Magalhães”, “comércio triangular”, “engenho” e “navegar é preciso... as Grandes navegações dos séculos XV e XVI”. Relatam e sugerem atividades de assimilação e associação e quiz de perguntas, jogo de encaixe sobre como era a tripulação, sua alimentação, as doenças, o comércio, entre outros.

⁵ Disponível em: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/search?query=brasil+500+anos>>.

⁶ Disponível em:

<http://sites.unifra.br/Portals/17/História/Grandes_Navegacoes/Historia_Grandes_navegacoes>.

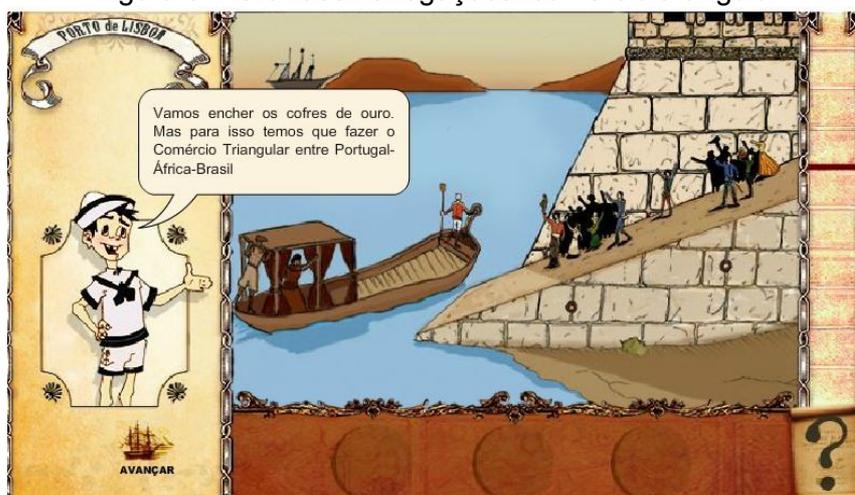
Figura 5 – Grandes navegações



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco (2017).

Quando nos referimos a Grandes Navegações: comércio triangular (figura 6), estamos relatando sobre um recurso em que é possível trabalhar a História, em conjunto com a matemática, pois na compra e venda de escravos, além de todo o contexto da escravidão, também é necessário o cálculo da vantagens e desvantagens em “adquirir” estas pessoas.

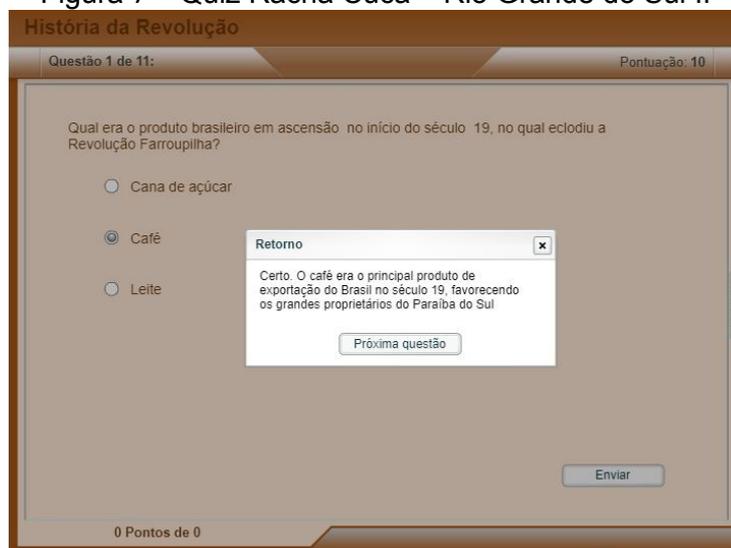
Figura 6 – Grandes navegações: comércio triangular



Fonte: Unifra (2017).

Nos oito recursos encontrados sobre a Revolução Farroupilha, o Quiz – Racha Cuca – Rio Grande do Sul II (figura 7)⁷ possui dez perguntas sobre o tema. É necessário que o aluno tenha conhecimento prévio, uma conceituação e discussão com o professor sobre o assunto, ou tenha feito leituras anteriores. O questionário é para assinalar e completar em relação à culinária, bandeira, economia do estado. O interessante neste *link* é a justificativa do porquê aquela alternativa marcada é a correta, ou de não ser a correta. Porém, apresenta erros de grafia e conceituação como na Figura 7, em que a resposta está certa, mas o nome do estado não, em vez de Rio Grande do Sul, está Paraíba do Sul.

Figura 7 – Quiz Racha Cuca – Rio Grande do Sul II



Fonte: Clic RBS – Porto Alegre (2017).

Em seguida há o *blog* sobre a Revolução Farroupilha (figura 8),⁸ criado por uma escola de Campo Bom/RS, destinado a atividades para os anos iniciais do Ensino Fundamental. O aplicativo apresenta uma série de ícones sobre datas comemorativas; inseridas nestas datas, há atividades sobre a Revolução Farroupilha. É possível navegar por textos longos e curtos, quiz de perguntas, atividades de associação.

⁷ Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especiais/quiz/quiz/historiadarevolucao/quizmaker.html>>.

⁸ Disponível em: <<http://atividadesdosanosiniciais.blogspot.com.br/>>

Figura 8 – Blog Revolução Farroupilha

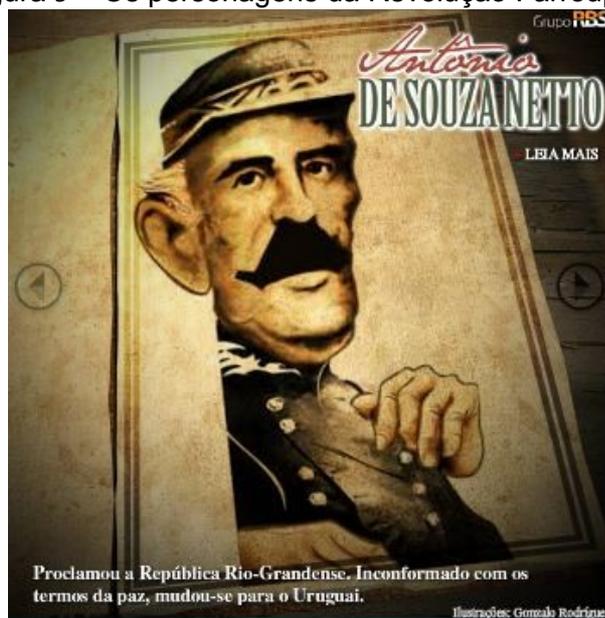


Fonte: Blog E.M.E.F Lúcia Mossmann (2017).

Seguindo nesta linha, há um *link* com atividades sobre “Os personagens da Revolução Farroupilha” (figura 9),⁹ em que aparece a imagem da pessoa e, ao lado, texto para fazer a associação com o nome dos considerados importantes nessa revolução, tais como: Antônio de Souza Neto (que proclamou a República Rio-Grandense, mas, inconformado com o acordo de paz, mudou-se para o Uruguai); Giuseppe Garibaldi, João da Silva Tavares, Davi Canabarro (General farroupilha que destacou-se na fase final da revolução, quando acertou a paz); Bento Gonçalves, Manuela Ferreira, Anita Garibaldi, Vasco Alves Pereira (comandou o último combate da revolução defendendo o Império); Tobias da Silva, Cabo Rocha, entre outros.

⁹ Disponível em: <<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=7998>>.

Figura 9 – Os personagens da Revolução Farroupilha



Fonte: Atividades educativas (2017).

Após, uma linha do tempo da Revolução Farroupilha (figura 10)¹⁰ conta os principais fatos dessa batalha que durou dez anos.

Figura 10 – Linha do tempo

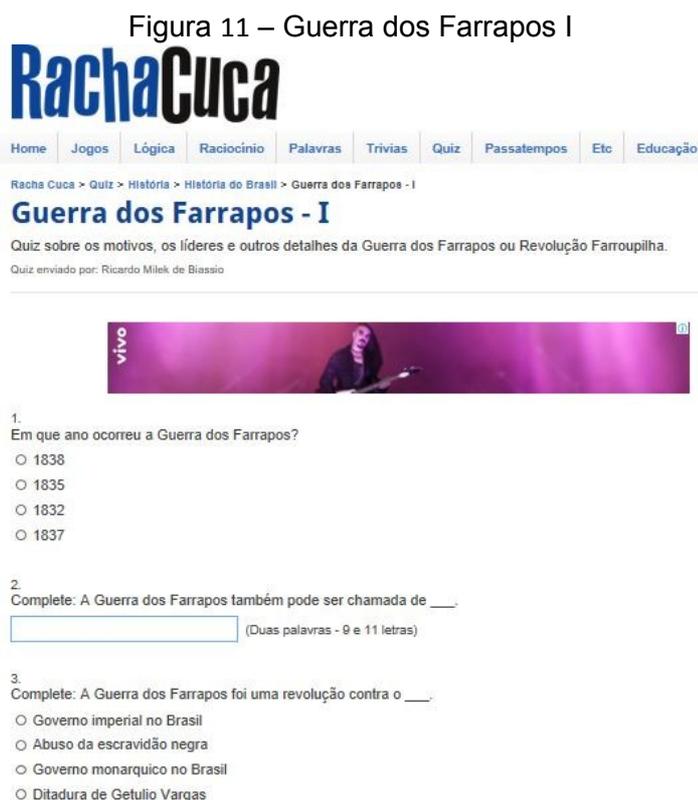


Fonte: Clic RBS – Porto Alegre (2017).

¹⁰ Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especiais/diversos/linhatempo_semanafarroupilha.html>.

Em seguida o Racha Cuca – Guerra dos Farrapos I (figura 11)¹¹ trata de um quiz de perguntas para assinalar a resposta correta. É necessário, no mínimo, algum conhecimento sobre a temática para poder respondê-lo. Na verificação das respostas, convém assinalar todas as alternativas, pois, se for deixada alguma em branco, não aparece sua correção.

Figura 11 – Guerra dos Farrapos I



RachaCuca

Home Jogos Lógica Raciocínio Palavras Trivias Quiz Passatempos Etc Educação

Racha Cuca > Quiz > História > História do Brasil > Guerra dos Farrapos - I

Guerra dos Farrapos - I

Quiz sobre os motivos, os líderes e outros detalhes da Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha.

Quiz enviado por: Ricardo Milek de Biassio

1.
Em que ano ocorreu a Guerra dos Farrapos?

1838
 1835
 1832
 1837

2.
Complete: A Guerra dos Farrapos também pode ser chamada de ____.

(Duas palavras - 9 e 11 letras)

3.
Complete: A Guerra dos Farrapos foi uma revolução contra o ____.

Governo imperial no Brasil
 Abuso da escravidão negra
 Governo monárquico no Brasil
 Ditadura de Getulio Vargas

Fonte: Racha Cuca (2017).

O quinto recurso encontrado sobre a Revolução Farroupilha aponta “Adágios gaudérios” (figura 12)¹². É um quiz que tem expressões (ditados gauchescos) e seus significados para fazer a associação e o encaixe, como: “Metido que nem piolho em costura”, referindo-se a uma “pessoa enxerida”, “intrometida”. Aparece uma pontuação para cada resposta correta ou incorreta

¹¹ Disponível em: <<https://rachacuca.com.br/quiz/32537/guerra-dos-farrapos-i/>>.

¹² Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especiais/quiz/quiz/adagiosgauderios/quizmaker.html>>.

Figura 12 – Adágios gaudérios



Fonte: Clic RBS – Porto Alegre (2017).

Em seguida, o “Combate do Barro Vermelho”¹³ representado pela figura 13, é um jogo que tem por objetivo derrotar o exército inimigo e tomar o poder sobre a Vila de Rio Pardo. Há a opção de escolher se quer lutar com o Exército Farroupilha ou com o Imperial. Vence o jogo quem destruir a base inimiga e conquistar mais territórios que o inimigo. Este jogo dispõe de um “Saiba mais”, em que aparece, como pano de fundo o jornal “O Povo” e uma reportagem sobre a história da Revolução Farroupilha. Um dos problemas encontrados é que o jogo trava e nem sempre é possível fazer os movimentos desejados e explicados nas instruções.

Figura 13 – Combate do Barro Vermelho

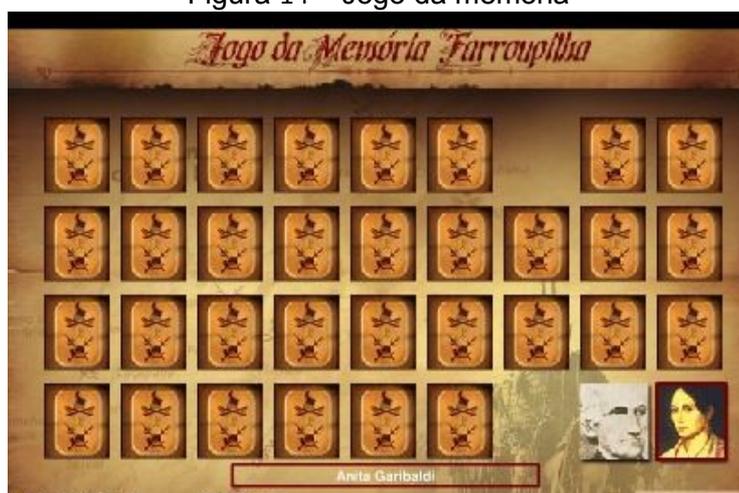


Fonte: Unifra/Rived (2017).

¹³ Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/swf/game_farroupilha/index.html>.

Outro recurso é um jogo da memória com a imagem de personagens da Revolução Farroupilha (figura 14),¹⁴ em que aparecem rostos de pessoas que participaram dessa batalha, e o jogo procede da mesma forma como qualquer outro jogo da memória.

Figura 14 – Jogo da memória



Fonte: Atividades educativas (2017).

Logo há atividades educativas sobre a Revolução Farroupilha (figura 15),¹⁵ com questionamentos para marcar a alternativa correta, montar um quebra-cabeça com a bandeira do Rio Grande do Sul, caça palavras e atividades de associação, de identificação da imagem ao nome dos personagens mais conhecidos da guerra dos farrapos.

Figura 15 – Revolução Farroupilha



Fonte: Atividades educativas (2017).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=5458>>.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11034>>.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),¹⁶ a busca por material diversificado e pesquisas têm o intuito de fazer com que o estudante, e também o professor, reflita sobre suas práticas cotidianas.

Nesse contexto, os estudos históricos desempenham um papel importante, na medida em que contemplam pesquisas e reflexões das representações construídas socialmente e das relações estabelecidas entre os indivíduos, os grupos, os povos e o mundo social, em uma época. Nesse sentido, o ensino de História pode fazer escolhas pedagógicas capazes de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com problemáticas históricas inerentes ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial. (BRASIL, 1998, p. 34).

Ao encontro dos PCNs, o Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Educação e a Câmara de Educação Básica, na Resolução 7, de 14 de dezembro de 2010, em seu art. 28, trazem a importância de o educador estar preparado para a inserção de tecnologias ao ensino de História.

Art. 28. A utilização qualificada das tecnologias e conteúdo das mídias como recurso aliado ao desenvolvimento do currículo contribui para o importante papel que tem a escola como ambiente de inclusão digital e de utilização crítica das tecnologias da informação e comunicação, requerendo o aporte dos sistemas de ensino no que se refere à: I – provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para o atendimento aos alunos; II – adequada formação do professor e demais profissionais da escola. (Resolução CNE/CB n. 07/10).

Diante do exposto, entende-se que as tecnologias têm um aporte e uma importância fundamental na vida dos estudantes, e está garantida em lei a formação desses profissionais para fazer a mediação tecnológica entre aluno e professor. Para que isso realmente aconteça, segundo Lemos (2010) é preciso seguir os três princípios da cultura digital: emissão, conexão e reconfiguração.

A liberdade é uma condição essencial à obtenção de uma diversidade máxima de saberes, de ideias e de recursos. Certamente a exploração dessa diversidade de benefício mútuo de cada um reclama a mais densa interconexão e o mais aberto meio de comunicação – os princípios de emissão, conexão reconfiguração. (LEMOS, 2010, p. 54).

¹⁶ A BNCC entrou em vigor no final de 2017, quando a dissertação estava em vias de conclusão, e para efeito de amparo das políticas pedagógicas, seguiram-se os PCNs, uma vez que estes estavam em vigor, quando da proposta e qualificação do projeto.

Dentre os quinze recursos tecnológicos encontrados, selecionamos quatro pela coerência com o conteúdo, pela clareza das noções de tempo, espaço e relações sociais. O primeiro escolhido, sobre as grandes navegações (Europeus na América) (figura 5), foi por estar dividido em episódios curtos, que variam de dez a quinze minutos, que podem ser trabalhados em sequência ou individualmente. Os fatos apresentam uma linguagem simples e de fácil entendimento. O *Blog* sobre a Revolução Farroupilha (figura 8) foi elencado pela série de possibilidades de escolhas de temáticas dentro de contexto maior. Os estudantes podem navegar por quiz, textos curtos e mais elaborados sobre diversos acontecimentos daquela época.

O “Museu da pessoa” (figura 1), é interativo e traz a possibilidade a qualquer um, ou grupo de pessoas, de contar a sua história. Isso traz a oportunidade de o grupo de estudantes e professores explorarem sua história ou a da escola num todo. E por último, mas não menos importante, o recurso sobre as grandes navegações (figura 6) foi selecionado por elencar um tema fundamental para começar o trabalho sobre a colonização da América, perpassando pela Europa e África. Também por possuir pequenos vídeos introdutórios e, após, jogos de associação, de relacionar fatos e objetos que fazem parte deste contexto.

A seguir faz-se uma descrição de cada um dos quatro recursos tecnológicos de aprendizagem escolhidos, que são: “Os europeus na América”, “*Blog* sobre a Revolução Farroupilha”, “Museu da pessoa”, e “As grandes navegações”, bem como a identificação das noções trabalhadas e como o professor poderá estar utilizando-os nas aulas de História do Ensino Fundamental.

4.1 Grandes Navegações: Os europeus na América¹⁷

O primeiro que se analisa é da Fundação Joaquim Nabuco, “Mão Molenga Teatro de Bonecos, 500 anos, um novo mundo na TV”, que traz todo o contexto das grandes navegações e a chegada dos portugueses ao Brasil. O enfoque desta pesquisa é para as aulas de História do 5º ano do Ensino Fundamental, em que o conteúdo programático é sobre o nosso estado.

¹⁷ Recurso encontrado no Banco Internacional de Objetos Educacionais, através do *Link*: <<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/search?query=brasil+500+anos>>.

Porém, é necessário fazer com os estudantes uma contextualização de como começou este estado e, primeiramente, este país; a partir daí fica a sugestão das grandes navegações, pois Portugal e Espanha lançaram expedições em busca de novas riquezas e terras. Depois destes europeus, começa-se a conhecer um pouco da História do nosso país, em relação aos continentes das Américas e ao europeu.

Estes episódios foram selecionados por apresentarem uma crítica ao modelo eurocêntrico, em que o europeu é o centro do mundo, na qual a história do povo americano só começa a aparecer com a chegada destes na América. Muitos livros didáticos apresentam apenas esta concepção, que muitas vezes é o único material disponível aos estudantes, desvalorizando a chegada do homem nestes territórios, há mais de 25 mil anos atrás.

Os seis episódios, utilizados para esta pesquisa, estão disponíveis *online* no Banco Internacional de Objetos Educacionais.

A construção de noções interfere nas estruturas cognitivas do aluno, modificando a maneira como ele compreende os elementos do mundo e as relações que esses elementos estabelecem entre si. Isso significa dizer que quando o estudante apreende uma noção, grande parte do que ele sabe e pensa é reorganizado a partir dela. Na medida em que o ensino de História lhe possibilita construir noções, ocorrem mudanças no seu modo de entender a si mesmo, os outros, as relações sociais e a História. Os novos domínios cognitivos do aluno podem interferir, de certo modo, nas suas relações pessoais e sociais e nos seus compromissos e afetividades com as classes, os grupos sociais, as culturas, os valores e as gerações do passado e do futuro. (BRASIL, 1998, p.35).

Com o intuito de construir noções básicas da História de nosso país, estes episódios foram escolhidos pelo curto tempo de duração e pela linguagem adequada e facilitada para a faixa etária do 5º ano. São bonecos que apresentam e narram como foram os primeiros contatos entre português e ameríndios. Os personagens usam roupas que nos trazem a representação de como era naquela época. Uma representação do espaço, em que circulavam, no continente europeu, mais precisamente Portugal e Espanha, e os imensos oceanos que os separavam da América. O conceito de tempo é simultâneo, pois, ao mesmo momento em que aparece o continente europeu, pode-se ver a América e as coisas que aconteciam simultaneamente nestes dois continentes.

Na prática dos historiadores, o tempo não é concebido como um fluxo uniforme, em que os fenômenos são mergulhados tais como os corpos num rio cujas correntezas levam sempre para mais longe. O tempo da História é o tempo intrínseco aos processos e eventos estudados. São ritmados não por fenômenos astronômicos ou físicos, mas por singularidades dos processos, nos pontos onde eles mudam de direção ou de natureza. (BRASIL, 1998, p. 40).

O primeiro episódio, “Dois mundos desconhecidos”, começa com a vida nas Américas, antes da chegada dos europeus. Relato dos costumes indígenas, como moradia, cuidado com as crianças, divisão das tarefas. A tribo Tupi relata as brigas e guerras com outras tribos. Após, aparece Portugal que está pensando em se lançar às navegações, para buscar outras rotas para o comércio e aumentar sua riqueza; porém, esse outro lado do mundo é desconhecido e está sujeito a muitas intempéries pelo caminho. Cristovam Colombo pede investimento para a Corte portuguesa para fazer a viagem, mas quem vai financiá-la é a Espanha. Assim começa a chegada dos europeus à América. Como Portugal também queria ser dono das novas terras, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas. Sendo assim, segundo os PCNs, pode ser considerado didático

todo material, que, no acesso ao conhecimento, tem a função de ser mediador na comunicação entre o professor e o aluno, pode ser considerado material didático. Isto é, são materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho de sala de aula – livros-manuais, apostilas e vídeos – , como, também, os não produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino. (BRASIL, 1998, p. 79).

No segundo episódio, “Caminhos da Riqueza” Vasco da Gama lança sua expedição rumo às Índias. Não havia a preocupação com os cuidados de higiene e muitas pessoas acabaram morrendo; mesmo assim, chegaram a Moçambique e depois a Calicute na Índia, onde estabeleceram entrepostos comerciais. Mas a Coroa portuguesa queria ficar cada vez mais rica. Assim, lançou Pedro Álvares Cabral a uma nova expedição rumo às Índias; porém, também foram às Américas, pois o país estava interessado nas terras que os espanhóis e ingleses haviam descoberto, e que não tinham ainda colonizado. Cada conceito e noção, presentes nesses episódios, apontam: as “relações com o conhecimento histórico, o ensino e a

aprendizagem da História envolvem seleção criteriosa de conteúdos e métodos que contemplem o fato, o sujeito e o tempo”. (BRASIL, 1998, p. 39).

O episódio três “Encontro no além-mar” informa que, naquela época, quem dominava as técnicas de navegação além dos oceanos enriquecia, e Portugal investiu na rota de comércio marítimo. Nessa expedição, havia forte presença da Igreja e eram rezadas missas todos os dias nas embarcações. Pero Vaz de Caminha escrevia sobre cada detalhe da expedição. Quando encontraram terra, nomearam-na de Terra de Vera Cruz, e o monte mais alto de Monte Pascoal. O primeiro contato entre portugueses e ameríndios foi cordial, cada um na sua linguagem e trocaram presentes.

Nesta parte, pode-se observar que a importância de ambos os povos é tratada de forma horizontal, como também faz crítica às imposições da Igreja Católica ao conflito de culturas à fala local. Assim como faz a análise sobre os meios de comunicação e transporte da época.

O episódio quatro, “Terra cheia de graça”, apresenta os primeiros contatos entre portugueses e ameríndios, que foram cordiais apesar da dificuldade com a língua, que é apresentada na linguagem original com legendas. Foi rezada a primeira missa na terra então chamada de Brasil. Os portugueses tomaram posse desse novo mundo cheio de riquezas.

No episódio cinco, “A cor do pau-brasil”, o rei de Portugal lançou uma nova expedição ao Brasil, para ter mais noção do seu tamanho e fazer o mapeamento desta terra. Os europeus estavam impressionados com as novidades trazidas pelos navegadores. Enquanto isso, é apresentado o ritual indígena de comer a carne do inimigo. Américo Vespúcio traz a novidade sobre o pau-brasil e, então, a Coroa Portuguesa começou com a exploração dessa madeira. Foi uma verdadeira devastação da mata nativa. Os indígenas cortam e carregam as torras de madeira. Portugal mandou uma expedição para expulsar os franceses, que também estavam explorando a madeira preciosa.

O episódio seis, “Dores de colônia”, conta sobre as dificuldades que os portugueses tiveram em administrar a Terra de Vera Cruz, assim chamado o Brasil naquela época; sua maior riqueza era o pau-brasil. A Coroa Portuguesa queria colonizar a nova terra, antes que outros países o fizessem. Porém, quem morava

aqui, além dos ameríndios, donos das terras, eram náufragos, infratores e degredados; não existiam mulheres brancas, e os que aqui estavam viviam com as nativas, havia crime e confusão. Não existia lei nem ordem, como havia na Europa¹⁸. Até que, a Coroa portuguesa decidiu dividir o Brasil em Capitanias Hereditárias. Pernambuco foi a bem-sucedida das capitanias e tornou-se o foco da produção de cana-de-açúcar. Como essa forma de administração não deu certo, Portugal lançou um governo geral e com ele já vieram os jesuítas para tentar impor a sua religião aos indígenas. O povo de *Pindorama* não colaborava mais como antes, e os portugueses foram buscar, na África, mão de obra escrava.

Assim como o continente americano, o africano, tão diverso e heterogêneo, aparece apenas como fornecedor de mão de obra escrava, não valorizando seus hábitos, nem conhecendo a sua história. Estas discussões precisam ser feitas com nossos estudantes, para que compreendam que nossa História começa muito antes de os europeus chegarem a este continente, que ambos os povos têm sua cultura, muitas vezes menosprezada perante a europeia.

4.2 Blog sobre a Revolução Farroupilha¹⁹

O segundo item escolhido para esta análise é o *blog* da Escola Municipal de Ensino Fundamental Lúcia Mossmann de Campo Bom, Rio Grande do Sul – Brasil. Este *blog* possui vários ícones, com atividades diversas, para desenvolver com todos os anos das Séries Iniciais, separados por séries e por temas.

Concorda-se com Lima (2006), quando diz que “outros trabalhos também se constituíram com a proposta de uso de *blogs*, como recurso didático”. Peres (2006, p.192) descreve a utilização de um *blog* como estratégia de divulgação “dos trabalhos dos alunos, de comunicação e aprendizagem colaborativa mediada por computador”, resultando em uma experiência estimuladora do processo de reflexão pessoal e público dos trabalhos desenvolvidos por alunos. Ela conclui que “os alunos se mostraram receptivos à introdução das tecnologias no processo educativo

¹⁸ “Não existia lei nem ordem, como havia na Europa”, esse é um relato que acontece no episódio 6, porém fica claro que é o povo europeu (branco) descrevendo uma situação, que menospreza a cultura dos brasileiros nativos, deixando exposta a visão eurocentrica do período. A Europa, mais especificamente Portugal se considerava “descobridora” e “dona” da terra do ameríndios, não aceitando sua cultura.

¹⁹ Disponível em: <<http://atividadesdosanosiniciais.blogspot.com.br/>>.

e facilmente se adaptaram a novas formas de participação na comunidade de aprendizagem”. (LIMA, 2006, p. 197).

Na barra destinada a datas especiais, encontram-se propostas educativas sobre a Páscoa, índios, mães, festas juninas, Revolução Farroupilha, entre outras. O interesse nesta pesquisa está na última proposta, que se refere à Revolução Farroupilha. Primeiramente, apresenta um breve texto fazendo a contextualização sobre o assunto; a partir daí surge uma série de possíveis escolhas como: leia mais sobre a guerra dos farrapos, os farrapos, o gaúcho. Essa forma de organização faz referência ao conceito de hipertexto de Lévy (2011), em seu livro sobre as *Tecnologias da inteligência*:

tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em rede que pode ser tão complicado quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 2011, p. 33).

De acordo com esse autor, a internet está transformando nossos leitores em um público mais exigente, que necessita interagir e não consegue ter uma postura passiva frente à informação. Lévy também chama a atenção para o hipertexto, no sentido de que ele, ao mesmo tempo que pode ser mais interessante, também pode ser muito extenso (vários *links* o compõem), e, por isso, devido à grande quantidade de informações oferecidas, tende a levar nosso aluno leitor a se perder, gerando a necessidade da presença de um mediador, nesse caso o professor, com um novo papel, portanto, na escola.

Nesse sentido, o estudante tem a possibilidade de escolher e interagir com o professor e, ao mesmo tempo, com as tecnologias, instigado pela curiosidade e com foco de maior interesse. Como bem coloca Kenski:

A ação docente mediada pelas tecnologias é uma ação partilhada. Já não depende apenas de um único professor, isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino. Alunos, professores e tecnologias interagindo com o mesmo objetivo geram um movimento revolucionário de descobertas e aprendizados. Essa formulação já mostra que a instrumentalização técnica

é uma parte muito pequena do aprendizado docente para a ação bem sucedida na mediação entre educação e tecnologias. (KENSKI, 2012b, p. 105).

O professor tem um papel fundamental, pois, à medida que escolhe determinados recursos tecnológicos, precisa ter bem claro quais habilidades e competências deseja que seus alunos sejam capazes de desempenhar, no final do processo de ensino e aprendizagem. Buscou-se, nos parâmetros curriculares nacionais, uma base no que diz respeito aos processos históricos trabalhados em sala de aula, pois, no presente, analisa-se o nosso passado.

As obras de cunho histórico, textos historiográficos, artigos de jornais e revistas, livros didáticos, são estudadas como versões históricas que não podem ser ensinadas como prontas e acabadas nem confundidas com a realidade vivida pelos homens no passado. Considera-se, por exemplo, a importância da identificação e da análise de valores, intencionalidades e contextos dos autores; a seleção dos eventos e a relevância histórica atribuída a eles; a escolha dos personagens que são valorizados como protagonistas da história narrada; e a estrutura temporal que organiza os eventos e que revela o tempo da problemática inicial e dos contextos históricos estudados. Trabalhos nessa linha possibilitam para o docente, entre outras coisas, reconhecer sua atuação na construção do saber histórico escolar, na medida em que é ele que seleciona, avalia e insere a obra em uma situação didática e tal obra adquire novos significados ao ser submetida aos novos interlocutores (ele e alunos). (BRASIL, 1998, p. 33).

No conjunto destes *links* sugeridos, além de textos curtos e longos, também há um Quiz de perguntas sobre a temática Revolução Farroupilha, que se constitui de 11 perguntas de múltipla escolha e com uma média de acertos de, no mínimo, sete questões. Caso o aluno acerte ou não acerte a resposta correta, na hora de conferir os resultados aparece uma conceituação de por que aquela é a alternativa adequada para a pergunta lançada. Assim, além de saber o motivo pelo qual não acertou, caso tenha marcado uma alternativa incorreta, gera uma explicação para o assunto. A Revolução Farroupilha deixou marcas na História e formação de nosso estado; nesse sentido, é esperado que o aluno consiga fazer uma relação do que ficou na memória quanto à aquela época e o que se pode carregar como herança daquele tempo.

O trabalho com noções de transformação e de permanência, envolvendo especificamente a dimensão temporal, está relacionado, por outro lado, à percepção de que o, “eu” e o “nós” do tempo presente são distintos de “outros” de outros tempos, que viviam, compreendiam o mundo,

trabalhavam, vestiam-se e se relacionavam de outra maneira. E está relacionado, simultaneamente, com a compreensão de que o “outro” é, também, o “antepassado”, aquele que legou uma história e um mundo específico para ser vivido e transformado. O domínio das noções de diferença, semelhança, transformação e permanência possibilita ao aluno estabelecer relações e, no processo de distinção e análise, adquirir novos domínios cognitivos e aumentar o seu conhecimento sobre si mesmo, seu grupo, sua região, seu país, o mundo e outras formas de viver e outras práticas sociais, culturais, políticas e econômicas construídas por diferentes povos. As atividades escolares com essas noções também evidenciam para o aluno as dimensões da História entendida como conhecimento, experiência e prática social. Contribui, assim, para desenvolver sua formação intelectual, para fortalecer seus laços de identidade com o presente e com gerações passadas e para orientar suas atitudes como cidadão no mundo de hoje. (BRASIL, 1998, p.36).

Quando se permite, enquanto educador, que os alunos tenham autonomia para buscar imagens, textos ou jogos, que mais lhe chamaram a atenção, estar-se-á mediando um trabalho direcionado, e ao mesmo tempo, deixando que o interesse deles seja preservado.

4.3 Museu da pessoa²⁰

O *Museu da pessoa* foi fundado em São Paulo, em 1991, com a ideia de que a nossa memória nos faz entender quem somos, mas, se a nossa narrativa de vida nos faz entender quem somos, o que aprendemos com a história dos outros? O *Museu da pessoa* é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida, fundado com o objetivo de transformar histórias de vida em fontes de conhecimento, conexão e compreensão entre pessoas. Possui um grande acervo de imagens e documentos digitalizados e histórias de pessoas que narram o Brasil dos séculos XX e XXI. A busca no portal se dá por meio de *tags*, palavras-chave, que são utilizadas para organizar todo seu conteúdo. Para se cadastrar é rápido e fácil, é necessário apenas possuir um *e-mail*.

Muitas reflexões inerentes à pesquisa histórica são significativas para o ensino na escola fundamental. As abordagens teóricas que problematizam a realidade social e identificam a participação ativa de “pessoas comuns” na construção da História – nas suas resistências, divergência de valores e práticas, reelaboração da cultura – instigam, por exemplo, propostas e métodos de ensino que valorizam os alunos como protagonistas da

²⁰ *Link encontrado online através de:* <<http://www.museudapessoa.net>>.

realidade social e da História e sujeitos ativos no processo de aprendizagem. (BRASIL, 1998, p. 33).

Esse museu acredita que valorizar a diversidade cultural e a história de cada pessoa, como patrimônio da humanidade, é contribuir para a construção de uma cultura de paz. A sua principal missão é a de ser um museu aberto e colaborativo que transforme as histórias de vida de toda e qualquer pessoa em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre indivíduos e povos. Trata-se de um legado diferenciado da história do país, que prioriza a transformação cultural, social e implica construir uma visão crítica suficientemente grande, para garantir a sustentabilidade da ideia e de sua ampliação em inúmeros segmentos e espaços sociais.

No museu da pessoa, além de visitante, todos podem também tornar-se parte do acervo, ao registrar a história da sua vida, assim como também ser um curador, na medida em que pode criar suas próprias coleções de histórias, imagens e vídeos. A interatividade que o acervo desse museu possibilita vem ao encontro do próprio conceito de interatividade retirado de dicionário.

Qualidade de interativo; capacidade de um sistema de comunicação ou equipamento de possibilitar interação; ato ou faculdade de diálogo intercambiável entre o usuário de um sistema e a máquina, mediante um terminal equipado de tela de visualização. (HOUAISS, 2001).

A criação da área educativa do *Museu da pessoa*, em 2002, nasce da visão de que cada instituição, grupo social e comunidade pode ser produtor, guardião e disseminador de sua própria história, a partir das narrativas de vida. Esse é um espaço grandioso para escolas, professores e alunos divulgarem um pouco do trabalho desenvolvido nas instituições escolares, através das suas narrativas de vida, como sujeitos ativos e participantes das novas aprendizagens, bem como conhecer a história de pessoas comuns que têm muito a contar.

A apropriação de noções, métodos e temas próprios do conhecimento histórico, pelo saber histórico escolar, não significa que se pretende fazer do aluno um – pequeno historiador – e nem que ele deve ser capaz de escrever monografias. A intenção é que ele desenvolva a capacidade de observar, de extrair informações e de interpretar algumas características da realidade do seu entorno, de estabelecer algumas relações e confrontações entre informações atuais e históricas, de datar e localizar as suas ações e

as de outras pessoas no tempo e no espaço e, em certa medida, poder relativizar questões específicas de sua época. (BRASIL, 1998, p. 39-40).

Uma mesma história de vida contém diversos temas, assim como muitas das narrativas falam sobre o mesmo assunto. Elas podem ser usadas para oficinas de criação literária, roteiros de filmes, entre outros. As narrativas podem ser empregadas para se discutir conceitos e métodos de pesquisa, como história, memória e história oral. Elas também têm o poder de trazer aos leitores/ouvintes a reflexão e o sentimento de pertencimento em relação a grupos e localidades.

As biografias permitem ainda buscar traços de uma época, mentalidades, personagens. Abrem um leque de possibilidades para se problematizar versões da história, ao trazer informações não presentes em fontes oficiais, como em materiais didáticos, livros e jornais. As narrativas propiciam a participação democrática de uma comunidade na elaboração de sua própria história.

Faz parte do trabalho do docente saber o que pretende ensinar, diagnosticar o que os alunos sabem e pensam sobre o tema de estudo, definir suas intenções de ensino, escolher a atividade pedagógica adequada e o material didático pertinente para cada situação, avaliar as repercussões de suas intervenções e quais as dificuldades na aprendizagem. O material didático é um instrumento específico de trabalho na sala de aula: informa, cria conflitos, induz à reflexão, desperta outros interesses, motiva, sistematiza conhecimentos já dominados, introduz problemáticas, propicia vivências culturais, literárias e científicas, sintetiza ou organiza informações e conceitos. Avalia conquistas. (BRASIL, 1998, p. 79).

O roteiro educativo “Narrativas e aprendizagens” foi elaborado pelo Instituto Museu da Pessoa, destinado ao uso de seu acervo. Ele pode ser utilizado por qualquer pessoa, em contextos escolares ou não.

O trabalho com histórias de vida pode ser feito de muitas maneiras e dentro das possibilidades, existem dois caminhos básicos para essa empreitada: o uso da trajetória de um indivíduo para disparar ações, pesquisar temas, mobilizar grupos etc.; e a utilização de muitas histórias de vida para se compreender um tema específico, e assim pluralizar pontos de vista sobre o assunto.

A coleção virtual é uma ferramenta de trabalho que permite ao internauta selecionar e organizar histórias de vida, e assim propor leituras sobre determinados temas, organizar argumentações, expor ideias, refletir sobre contextos. As coleções

virtuais são canais para divulgação de pesquisas e reforçam a criação e a singularidade de abordagens sobre a sociedade e suas questões.

No processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de trocas, de estímulo na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidade de acesso dos alunos a novas informações, de confrontos de opiniões, de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformação de suas concepções históricas. Nesse sentido, a avaliação não deve acontecer apenas em determinados momentos do calendário escolar. A avaliação faz parte do trabalho do professor para diagnosticar quando cabe a ele problematizar, confrontar, informar, instigar questionamentos, enfim criar novas situações para que o aprendizado aconteça. (BRASIL, 1998, p. 40).

Quando se lança a busca por “Rio Grande do Sul”, surgem diversas histórias. Uma delas é a “Presença italiana nas terras de Gramado – Homenagem aos 130 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul”, que pode ser trabalhado e aproveitado no ensino de História, nas escolas de Flores da Cunha, pois a sua colonização foi de base italiana. A partir dessa temática, gera diversos temas que podem ser discutidos e abordados em sala de aula.

Como o *Museu da pessoa* também possibilita a narrativa de vida de pessoas comuns, os alunos podem ficar mais à vontade na escolha das histórias que mais lhes chamaram a atenção e, depois, vem o professor com o trabalho de mediar as reflexões que cada grupo de estudantes trouxe.

4.4 As grandes navegações²¹

O último recurso tecnológico escolhido e a ser analisado encontra-se no *site* do Centro Universitário Franciscano (Unifra/Rived), no item de objetos pedagógicos, na área de História. Quando se acessa este ícone, é possível visualizar quatro possíveis alternativas de trabalho, dentre elas: “As grandes navegações dos séculos XV e XVI – A viagem de Fernão de Magalhães”, “comércio triangular, “engenho” e “Navegar é preciso... as grandes navegações dos séculos XV e XVI”.

A primeira atividade, “As grandes navegações dos séculos XV e XVI – A viagem de Fernão de Magalhães”, conta um pouco da história do navegador português Fernão de Magalhães, que realizou a primeira viagem de circunavegação, nos séculos XV e XVI. A partir desse pequeno texto introdutório, que também aponta que eram necessários alguns objetos de navegação, para enfrentar os obstáculos existentes, abre a opção para selecionar esses objetos necessários: bússola, astrolábio, velocímetro, balestilha e quadrante, e colocar dentro do baú; é possível ver um pequeno parágrafo informando o que é cada um desses objetos.

Após concluída esta etapa, deve-se ir para o trajeto percorrido por Fernão de Magalhães, em que aparece o mapa com os navios andando pelo caminho tracejado, contando um pouco do que aconteceu na viagem e os lugares onde pararam. A seguir, há palavras-cruzadas para preencher sobre o que falava o texto.

A segunda atividade sugerida é sobre o comércio triangular (Portugal-África-Brasil), numa aventura do século XVII, do comércio de Portugal e de seus domínios. No início, aparece uma tabela de valores dos alimentos, escravos, do ouro, entre outros; em seguida, tem-se que escolher uma rota de Portugal até a África. Dá uma pequena explicação da origem dos escravos, que são trocados por mercadorias para, após, seguirem para o Brasil. É necessário fazer os cálculos. Por meio da tabela de valores, sabe-se qual a melhor opção para Portugal enriquecer e, somente após a alternativa correta, se é liberado para a próxima etapa, que é uma sugestão de produção textual.

Na terceira atividade, que é sobre o engenho, há a representação da casa grande, da senzala, das roças, da moenda, em seguida a função que cada um

²¹ <http://sites.unifra.br/Portals/17/História/Grandes_Navegacoes/Historia_Grandes_navegacoes>.

desempenhava no engenho, desde o dono, ao capitão que cuida para os escravos não fugirem e aos escravos que trabalham no serviço mais braçal. Após também fica como sugestão fazer um pequeno comentário de quem trabalha no serviço mais pesado.

O último item sugerido “Navegar é preciso... as grandes navegações dos séculos XV e XVI”, conta um pouco de como era a tripulação, a alimentação, as doenças, os obstáculos, o trabalho e o lazer durante essas navegações. Vai passando em cada um dos itens, com atividades de encaixe, de relacionar colunas, entre outras.

5 CURSO DE FORMAÇÃO

“O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica dos seres humanos como existentes no mundo e com o mundo.”

(FREIRE,1981, p. 53)

Após a análise dos recursos tecnológicos encontrados, da busca de referencial teórico que se aproximasse da formação de professores, com o uso das tecnologias, para a inserção da cultura digital na escola formal, propôs-se um curso de formação aos professores da rede municipal de Flores da Cunha.

Lévy (1999, p. 11) afirma que “estamos vivendo um novo espaço de comunicação, cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”. Se estamos vivendo em um espaço de comunicação, por que não explorar a educação? Sim, é este o produto final, um espaço em que os (as) professores (as) pudessem conhecer um pouco mais sobre as tecnologias educacionais, no contexto do Rio Grande do Sul e poder inserir a cultura digital nas aulas de História.

A proposta deste produto (curso de formação) surgiu a partir do problema investigado durante este mestrado profissional. Qual é a formação continuada, que está disponível para os profissionais que atuam no Ensino Fundamental, para utilizarem os aplicativos existentes para o ensino da História do Rio Grande do Sul, que acompanha as mudanças da sociedade em rede?

A primeira proposta era de que a formação continuada acontecesse logo após a banca de qualificação, no último trimestre de 2017. Porém, já se havia enfrentado um empecilho, o de que os professores não responderam o questionário *online* via *e-mail*, e também era uma época em que a maioria dos educadores já não estava disposta a realizar mais cursos, em função do fechamento de notas e do próprio esgotamento do ano. Pensou-se e propôs-se então, o curso para os meses de março e abril de 2018, com a seguinte proposta:

Quadro 2 – Curso de Formação Continuada

Curso de Formação Continuada O PROFESSOR MEDIADOR: INTERAÇÃO ALUNO, PROFESSOR E TECNOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Orientadora: Fernanda Rambo	Carga horária total: 15 horas
7/3/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Questionário Google Drive 2. Drive (ferramenta de armazenamento) 3. PB Works 	
14/3/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos tecnológicos para inserir a cultura digital nas aulas de História: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Grandes navegações: expansão marítima e comércio triangular 1.2 Quiz Guerra dos Farrapos 1.3 Atividades educativas sobre a Revolução Farroupilha 	
21/3/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos tecnológicos para inserir a cultura digital nas aulas de História: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Grandes navegações: dois mundos desconhecidos; caminhos da riqueza 1.2 Memória farroupilha 1.3 Linha do tempo 	
28/3/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos tecnológicos para inserir a cultura digital nas aulas de História: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Grandes navegações: encontro no além-mar; terra cheia de graça 1.2 Museu da pessoa 1.3 Combate do Barro Vermelho 	
4/4/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos tecnológicos para inserir a cultura digital nas aulas de História: <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Grandes navegações: a cor do pau brasil; dores de colônia 1.2 Museu era virtual 1.3 Adágios gaudérios 	
11/4/2018 – 2 horas	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Recursos tecnológicos para inserir a cultura digital nas aulas de História: 	

1.1 *Blog*

1.2 Quiz

1.3 Personagens da Revolução Farroupilha

2. Análise e discussão dos recursos tecnológicos apresentados

Exploração e navegação dos recursos tecnológicos apresentados (a distância) – 3horas

Fonte: Elaboração da autora.

Essa capacitação teve por objetivo aperfeiçoar o conhecimento dos professores, com os recursos disponíveis nos laboratórios de informática, a fim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, utilizando a cultura digital nas aulas de História. Mostrar os recursos tecnológicos existentes para essa temática e, a partir destes, elencar a discussão dos conteúdos, da noção de tempo, espaço e das relações sociais presentes nestes instrumentos de ensino. Assim, a participação dos professores nesta análise teve suma importância.

O trabalho docente mostra-se um espaço privilegiado para a compreensão das transformações atuais do mundo do trabalho, por se constituir em uma profissão de interações humanas que objetiva mudar ou melhorar a situação humana das pessoas, qual seja, um trabalho interativo e reflexivo com as pessoas, sobre as pessoas e para as pessoas. (FELDMANN, 2009, p. 76).

Este curso aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental 1º de Maio, na cidade de Flores da Cunha, no período da noite (18h às 20h). Esta instituição foi escolhida por ser a única escola do município que possui aulas no noturno e um laboratório de informática com um número adequado de notebooks para os professores poderem manusear. No final do ano de 2017, já havia sido enviado o projeto do curso para a Secretaria de Educação deste município, a qual, já na abertura do ano letivo, divulgou a proposta aos professores da rede. A secretaria forneceu certificado de participação. Esta formação teve abertura para 20 participantes, foi gratuita e com inscrições, num primeiro momento para os professores de História e os que atuam no 5º ano do Ensino Fundamental. Porém, como o número de inscritos foi reduzido, foi ofertado para os demais professores do Ensino Fundamental um (1º ao 5º ano) da Rede.

Figura 16 – Página PB works



Sejam Bem Vindos (as) !!!!!

**Este é nosso espaço de trabalho durante esta formação continuada.
 Todo o material utilizado estará disponível no ambiente.**

Profª Fernanda Rambo

<p>07/03/2018 <u>PBWorks - Cadastro</u> <u>Apresentação</u> <u>Questionário</u></p>	<p>14/03/2018 1. Exploração dos <u>Aplicativos para inserir uma cultura digital nas aulas de História</u> 2. <u>Grandes Navegações</u> 2.1 <u>Expansão Marítima</u> 2.2 <u>Comércio Triangular</u> 3. <u>Quiz Guerra dos Farrapos</u> 4. <u>Atividades Educativas Revolução Farroupilha</u></p>	<p>21/03/2018 1. Assistir episódio 1 e 2 sobre as Grandes Navegações 1.1 <u>Dois Mundos Desconhecidos</u> 1.2 <u>Caminhos da Riqueza</u> 2. <u>Memória Farroupilha</u> 3. <u>Linha do tempo</u></p>
<p>28/03/2018 1. Assistir episódio 3 e 4 sobre as Grandes Navegações 1.1 <u>Encontro no Além-Mar</u> 1.2 <u>Terra Cheia de Graça</u> 2. <u>Museu da Pessoa</u> 3. <u>Combate do Barro Vermelho</u></p>	<p>04/04/2018 1. Assistir episódio 5 e 6 sobre as Grandes Navegações 1.1 <u>A cor do Pau Brasil</u> 1.2 <u>Dores de Colônia</u> 2. <u>Museu Era Virtual</u> 3. <u>Exposição da Independência</u> 4. <u>Adágios Gaudérios</u></p>	<p>11/04/2018 1. <u>Blog</u> 2. <u>Quiz</u> 3. <u>Personagens da Revolução Farroupilha</u> 4. Análise e discussão sobre os aplicativos apresentados.</p>

Fonte: <http://fernandarambo.pbworks.com>

Para a formação continuada, recebemos 10 inscrições, das quais duas participaram com mais de 80% de frequência, faltando apenas em um encontro e as demais com 100% de participação.

No primeiro encontro do curso de formação continuada apresentamos a página do PBworks²² (figura 16) , criada através dos "workspaces" que podem ser públicas ou privadas, podendo remeter a outros sites; e seu funcionamento é em grande parte semelhante ao de hospedagem de um blogs. Destinam-se a construção e edição de páginas da web, além da elaboração, edição e armazenamento de arquivos.

Logo após a apresentação visual, com a utilização de data show e os notebooks da sala de informática (local da realização do curso), da ferramenta Pworks, explicamos como iria ocorrer a dinâmica desta formação continuada, bem como os objetivos, o problema de pesquisa e a justificativa deste curso, como também desta dissertação.

Neste mesmo encontro pedimos o e-mail das 10 participantes do curso e enviamos um questionário (apêndice 2), elaborado através Drive – Formulários Google²³ e solicitamos que respondessem. Praticamente todas, exceto uma, não conheciam esta ferramenta de questionário, nem as possibilidades de armazenamento de arquivos que o Google Drive oferece. Partindo deste ponto, demonstramos e apresentamos estes recursos tecnológicos e suas facilidades para o dia a dia das educadoras. Cada uma em seu computador criou uma página teste de questionário, e fomos sanando as dúvidas que surgiram nesta construção.

No segundo encontro, navegamos propriamente pela página do Pworks e seus hiperlinks. O primeiro recurso digital explorado foi sobre as grandes navegações: expansão marítima e comércio triangular (figura 6). Todas puderam apreciar e conhecer esse espaço, realizando as atividades sugeridas, tais como a troca de escravos por mercadorias, o caminho percorrido entre Europa-África- América. Assim como respondemos o quiz sobre a Guerra dos Farrapos (figura 11) e as atividades educativas

22

O PBworks é uma ferramenta eletrônica comercial para construção de páginas web de fácil manejo e uso por usuários leigos. Ela permite que múltiplos usuários editem e alterem seu conteúdo através de um sistema de múltiplas autenticações simultâneas.

²³O Google Formulários é um aplicativo para criar questionários, pesquisas de satisfação, testes de avaliação, entre outros.

(figura 15), as quais continham quebra-cabeça, jogo de encaixe e de perguntas e respostas.

Na semana seguinte, durante o terceiro encontro, assistimos os episódios 1 (dois mundos desconhecidos) e 2 (caminhos da riqueza) sobre as Grandes Navegações (figura 5) do teatro de bonecos Mão Molenga, logo após analisamos o assunto dos vídeos oralmente e os possíveis temas que este recurso poderia gerar para a aula. Os relatos das participantes encontram-se descritos ao longo deste capítulo. Como também jogamos o jogo da memória (figura 14) e analisamos a linha do tempo (figura 10).

No quarto encontro, assistimos e comentamos sobre os episódios 3 (Encontro no além-mar) e 4 (Terra cheia de Graça), como também navegamos pelo site do Museu da Pessoa (figura 1). Lemos as regras e jogamos com o recurso, semelhante ao vídeo-game do combate do Barro vermelho (figura 13).

No penúltimo encontro, terminamos de assistir a série sobre as grandes navegações, com os episódios 5 (a cor do pau Brasil) e 6 (dores de colônia), fazendo um fechamento com as alternativas possíveis de aplicação e discussão com os estudantes. Navegamos pelo site do museu da Era Virtual (figura 2) e enriquecemos nosso vocabulário gauchesco com os adágios gaudérios (figura 12).

No último encontro, conhecemos um pouco do Blog com atividades sobre a revolução farroupilha (figura 8), respondemos ao quiz (figura 7) e identificamos alguns “personagens da revolução farroupilha” (figura 9). Analisamos o desenvolvimento do curso, as sugestões de atividades para aplicação com os estudantes e fizemos uma pequena confraternização de fechamento da capacitação com os professores.

Como o nosso foco de estudo foram os professores de 5º ano e de História e, também, como há uma rotatividade na escolha de turmas, resolveu-se aplicar o questionário no primeiro dia do curso, apenas com as pessoas que participaram. O questionário (apêndice 2) teve como base as seguintes questões:

- 1) Qual sua formação universitária?
- 2) Há quanto tempo terminou a graduação?
- 3) Há quanto tempo atua como educador?
- 4) Caso haja laboratório de informática na sua escola, e seus alunos participam dele, qual sua conduta pedagógica?
- 5) Como você vê o uso das novas tecnologias na escola, no ensino e sua aprendizagem?
- 6) Você realiza pesquisas de material pedagógico na rede internet?
- 7) Quais os recursos mais utilizados?

- 8) Você considera que seus alunos têm acesso às tecnologias da comunicação e informação, fora do ambiente escolar?
- 9) Você considera que a cultura digital é....?
- 10) Caso seus alunos utilizem o laboratório de informática, quais áreas de conhecimento são o foco da aprendizagem?
- 11) Quando se trata de História do Rio Grande do Sul, no Ensino Fundamental, você utiliza recursos digitais para aulas interativas/colaborativas?
- 12) No laboratório de informática, quais os conteúdos trabalhados em História?
- 13) Você encontra aplicativos para ensinar História do Rio Grande do Sul?
- 14) Você considera o ensino de História mais difícil do que o das demais áreas do conhecimento?
- 15) Você tem alguma dificuldade em trabalhar a História do Rio Grande do Sul?
- 16) Quantos aplicativos para o ensino de História do Rio Grande do Sul você conhece?

Por meio do questionário realizado, das discussões e análises, durante o curso de formação, com os professores da rede municipal de Flores da Cunha, pôde-se analisar que, em algumas escolas, as aulas nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental são ministradas por um professor titular (geralmente graduado em Pedagogia), que trabalha com as áreas: Linguagens, Matemática, Geografia, História e Ciências. Já em outras, que em sua maioria são escolas do interior e que o número de alunos é reduzido, quem trabalha com essas turmas são os professores da área, da mesma forma como se constitui nas séries finais do Ensino Fundamental. Neste último caso, quem atende a disciplina de História são profissionais habilitados na área.

Dessa forma, verificou-se que, das dez professoras que responderam o questionário, quatro são graduadas em História, uma em Matemática, uma em Biologia, uma em Geografia e três em Pedagogia.

Destas, três haviam terminado a licenciatura entre um e cinco anos atrás, uma entre seis e dez anos, uma entre onze e quinze anos e cinco há mais de quinze anos. Entretanto, o tempo de atuação como educador é maior em consideração ao tempo de conclusão da graduação, sendo que dois atuam de quatro a dez anos, e os demais há mais de dez anos.

De modo geral, todos acreditam que as tecnologias na escola facilitam o processo de ensino e aprendizagem e utilizam de forma mais significativa o celular e o *notebook*, para fazer pesquisas de materiais pedagógicos. Nas escolas, o laboratório de informática possui um professor específico para esta função e, no que se refere às séries iniciais do Ensino Fundamental, é este professor que acompanha e permanece com a turma um

período por semana, enquanto o professor-referência está planejando atividades e aulas.

Essa relação entre o professor do laboratório e o titular da turma, no que se refere ao planejamento do que será desenvolvido com os estudantes, cinco professoras responderam que é intermediado pela coordenação pedagógica da escola; definir em conjunto as habilidades a serem trabalhadas, enquanto as outras cinco deixam a cargo do professor que atua no laboratório de informática a escolha da temática a ser desenvolvida. A escolha da área desenvolvida com os recursos digitais, de forma geral, é a das linguagens. Duas responderam em que é Matemática; uma, História e uma, Geografia. Nas séries finais do Ensino Fundamental o laboratório de informática é utilizado para pesquisas, e o professor dessa sala acompanha e auxilia na parte técnica, enquanto o professor da disciplina fica encarregado da parte teórico-pedagógica.

Quando perguntado, se consideram a cultura digital importante na escola, todas foram unânimes em afirmar que sim, conforme descrito nos questionários: *acredito que a cultura digital faz parte do cotidiano dos estudantes, porém direcionada para a construção do conhecimento ainda é um desafio a ser superado. O aporte tecnológico pode ser utilizado diretamente na metodologia das aulas de História (análise de fotos, documentos) tornando-as mais atrativas e participativas (Professor 1); É importante para a pesquisa, jogos (Professor 2); Cada vez mais cedo as crianças têm acesso e nós professores precisamos nos atualizar, aulas mais prazerosas, unir o útil ao agradável (Professor 3); Mundo digital e escola precisam ser parte do mesmo (Professor 4); As novas gerações já estão conectadas, as crianças precisam de um ensino mais criativo, dinâmico, explorador e atrativo. Nós educadores devemos propor essas vivências tecnológicas a nossos educandos (Professor 5); Porque se trata da realidade da sociedade. Hoje inúmeros serviços acontecem permeados de recursos digitais. Isso tudo faz parte da evolução do ser humano (Professor 6); A tecnologia faz parte da vida dos estudantes (Professor 7); Conectar as pessoas com os conhecimentos, informações e outras pessoas (Professor 8).*

Quando questionados se utilizam recursos digitais para trabalhar História do Rio Grande do Sul, num contexto de aulas mais interativas/colaborativas, dizem que utilizam alguma ou pouca coisa e que encontram poucos recursos tecnológicos para ensinar essa temática e não têm tempo para procurar. De modo geral, não conhecem aplicativos para trabalhar com essa temática. Segundo Kenski (2012a), a presença de uma tecnologia traz grandes mudanças na maneira de organizar o ensino.

A maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem objetos, nem a sua substância, nem a sua finalidade. Elas estão

presentes em todos os momentos do processo pedagógico, desde o planejamento das disciplinas, a elaboração da proposta curricular até a certificação dos alunos que concluíram um curso. A presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino. (KENSKI, 2012a, p. 44).

Assim, o papel do professor reconfigura-se e passa a ser o de provocar interações e fazer uso das ferramentas de reconstrução do conhecimento; o de propor desafios e aprender em conjunto com os alunos. Essa postura torna mais complexa a ação docente, possibilitando o questionamento crítico, o debate, o incentivo à pesquisa e à aprendizagem colaborativa e contínua.

Os participantes do curso de formação continuada foram oportunizados a aprender sobre os recursos tecnológicos disponíveis e utilizá-los na sala de aula. E puderam vivenciar teoria e prática, pois, além de visualizar cada aplicativo, jogamos, brincamos, analisamos cada um deles e discutimos estratégias de aplicação, por meio das interações possíveis entre todos os participantes. Assim como já escrevia Feldmann,

as pessoas não nascem educadores, se tornam educadores, quando se educam com o outro, quando produzem a sua existência relacionada com a existência do outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana. (FELDMANN, 2009, p. 72).

Dessa forma, encontro após encontro foram sendo construídas novas habilidades e aprendendo umas com as outras. No último dia do curso, foi solicitado que as educadoras escrevessem sobre as análises e discussões abordados durante a formação continuada (relatos dos educadores) e, com esse retorno, houve a certeza de que se conseguimos sensibilizá-las. Umas mais, outras menos, mas todas saíram com uma bagagem de conhecimento maior do que quando começaram.

Nos dois primeiros episódios (Dois mundos desconhecidos e Caminhos da riqueza) da série de documentários “500 anos: Brasil, um mundo novo na TV”, das grandes navegações, os professores relataram que os vídeos possuem uma linguagem bem-acessível e lúdica, o que facilita o entendimento para os alunos. Entre várias discussões e análises em conjunto com o grupo de professoras, tem-se, como possibilidades de abordagens com as turmas de 5º ano: perceber as semelhanças e rupturas entre as épocas; construir a relação temporal entre os acontecimentos históricos; caracterizar as populações ameríndias e orientais; compreender a relação entre os hábitos e a saúde pública; estabelecer a relação do comércio e dos serviços; diferenciar os modos de trabalho; discutir questões de gênero; compreender o contexto capitalista

das grandes navegações; as diferenças entre o modo de vida dos europeus e dos indígenas; noção de território; localização espacial (pontos cardeais e colaterais); rotas marítimas (instrumentos utilizados); lendas envolvendo os mistérios dos mares; interesses econômicos de cada nação; a importância da higiene durante as navegações; os costumes das pessoas com a alimentação, vestimenta; as noções de espaço dos navegadores; a rotina dentro de um navio; relações comerciais; conquistas territoriais; traçar um paralelo das mudanças que aconteceram historicamente para os dias de hoje; percepção de mundo (europeus e ameríndios); produtos importantes para a época; relações de poder (Igreja/Estado). Segundo a base nacional comum curricular, esse conhecimento do passado deve dialogar com o tempo presente.

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual. (BRASIL, 2017, p. 397).

Nos episódios três (Encontro no além-mar) e quatro (Terra cheia de graça) do teatro de bonecos Mão Molenga, sobre as grandes navegações, pode-se trabalhar com: exploração europeia; crítica à superioridade de grupos (europeus melhores, ...); influência da Igreja Católica; descrição detalhada de Pero Vaz de Caminha perante a terra brasileira; costumes conflitantes de cada povo (vestimenta, língua, hábitos, passagem da cruz); noção de hierarquia por parte dos portugueses; imposição da igreja cristã; costumes indígenas; choque de culturas; linguagens da época; idiomas diferentes; conquistas de terras; investimento do governo português nas navegações; meios de comunicação e de transporte; riquezas naturais; processo de aculturação dos povos ameríndios; a língua dos diferentes povos envolvidos; primeiro contato entre os povos ameríndios e europeus foi amistoso; relações entre as diferentes culturas; conceitos de descobrimento e invasão; questão da supremacia da cultura europeia (vestimenta, religião, costumes, etc.); idiotização do povo indígena, presente nas trocas de mercadorias.

É importante salientar que o vídeo aborda de forma ingênua as trocas e o primeiro contato, enquanto apresenta de forma horizontal a importância de ambos os povos.

Conforme a BNCC, o objetivo primordial, quando se trata das habilidades que se pretende desenvolver em História, nos anos iniciais, é o reconhecimento do eu, do outro e de nós em diferentes níveis de exigência.

Essa análise se amplia no 5º ano, cuja ênfase está em pensar a diversidade dos povos e culturas e suas formas de organização. A noção de cidadania, com direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades pressupõem uma educação que estimule o convívio e o respeito entre os povos. (BRASIL, 2017, p. 402).

Nos episódios cinco (A cor do pau-brasil) e seis (Dores de colônia), podem ser explorados: o estranhamento entre as culturas, as diferenças presentes na alimentação, nos rituais religiosos, etc.; os hábitos e as culturas das tribos, relacionadas aos banquetes antropofágicos; a forma como os povos ameríndios foram tratados e obrigados a aceitar a cultura alheia; as formas como ocorreu a exploração (contrabando) do pau-brasil, sem o cuidado com a preservação da mata; o paralelo sobre o sistema de trocas imposto pelos europeus, explorando a mão de obra indígena para ganho próprio; as capitânicas hereditárias, a divisão das terras, a escravidão, a exploração do pau-brasil, a origem do nome Brasil; a catequização dos índios pelos padres jesuítas; o início da colonização; a miscigenação racial; o imaginário dos portugueses quanto ao Brasil e seus habitantes; o contrabando; dificuldade de administrar o Brasil (capitânicas, governo geral); a exploração do rio da Prata; a pesquisa sobre as qualidades e propriedades do pau-brasil; a exploração da mão de obra, primeiramente indígena e em seguida negra.

Ainda, de acordo com os escritos e relatos dos professores, eles afirmam que alguns *sítes* não estão adequados à linguagem e à compreensão dos alunos. O *Museu da pessoa* por exemplo, apresenta relatos de difícil entendimento para a faixa etária em questão (5º ano), porém a proposta de escrever o seu relato e publicá-lo nesse museu é bastante interessante. O museu era virtual não parece atrativo para as crianças, pois precisam mais do concreto.

Acharam o jogo “Combate do Barro Vermelho” confuso e sem as explicações necessárias. A linha do tempo apresenta fatos relevantes, porém é muito extensa. O *blog* da Revolução Farroupilha apresenta atividades dinâmicas e interessantes, porém apresenta termos não conhecidos pelos alunos. As atividades interativas, como o jogo da memória, as cruzadinhas e os quebra-cabeças, por exemplo, despertam o interesse e motivam os alunos para o assunto em questão. Essa dupla de educadores considera que a formação continuada foi válida e interessante, pois apresentou atividades práticas e proporcionou a interação com as ferramentas tecnológicas, ajudando-as a esclarecer dúvidas e melhorando o planejamento diário.

Outra dupla de educadores relata que os museus transmitem muito conhecimento, pois a pessoa não precisa estar lá para ver o acervo; que trazem

informações novas e importantes; que os jogos de perguntas é uma boa ferramenta didática para aprofundar conhecimentos; que os jogos relacionados à Revolução Farroupilha são ótimos para fixar conteúdos; que todos os jogos são úteis, mas todas as informações que eles trazem devem ser supervisionadas pela professora.

Estes escritos vêm ao encontro de uma das habilidades da BNCC de “comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas”. (BRASIL, 2017, p. 413). Seguindo com as contribuições dos participantes do curso, consideraram os encontros muito importantes. Foi uma maneira diferente de introduzir a História do Rio Grande do Sul. Para o aluno, o visual prende mais a atenção; os vários jogos fixam o conteúdo; há a possibilidade de desenvolver habilidades por meio da tecnologia e conhecer o vocabulário gaúcho e outros.

Outra participante considerou *“a proposta um curso de formação com enfoque em uma área específica do 5º ano foi muito positivo. Visto que essa é uma séria que normalmente não é contemplada nas pautas de formação dos professores. Normalmente o foco é voltado para os primeiros anos do Fundamental I. Por isso essa vivência permitiu uma troca de informações e materiais que vêm a melhorar nosso planejamento em sala de aula. A utilização da ferramenta ‘PB Works’ será implantada no segundo trimestre com a minha turma e será um elo com a família. E pretendo sim, em parceria com a professora da informática, estar utilizando os jogos sugeridos na medida que estes se fizerem necessários. Quanto à história do Rio Grande do Sul ela é marcada por muitas farsas e fatos que são encobertos, especialmente pelo tradicionalismo. Quanto escola precisamos refletir e questionar se de fato o que o livro retrata condiz com documentos históricos e consequências que perduram até os dias de hoje”*.

Outra educadora escreve que *“os aplicativos, se o tema for bem trabalhado em sala de aula, facilitarão nosso ofício, pois como professores precisamos aliar a tecnologia a nosso trabalho para que nos favoreça. Atualmente, uma aula utilizando a tecnologia, chama atenção do aluno, tornando a aula mais interessante. Alguns aplicativos são de fácil navegação (museu da pessoa), outros não (museu da era virtual – não consegui fazer a visita virtual, utilizando as setas). Mas precisamos estar preparados, pois se tratando de tecnologia, isso é comum que aconteça. Enfim, o curso em si foi ótimo, mas cabe a nós professores sabermos utilizar e ter um olhar mais crítico com relação a alguns aplicativos (quanto à escrita, linguagem...) ”*.

Uma das professoras, sobre o museu da pessoa, acredita que *“seja possível abordar em sala de aula, mas achei as histórias muito longas, e a leitura teria que ser dirigida, pois se os alunos forem pesquisar e ler, acabarão por não realizar a tarefa visto o tamanho dos textos. Seria interessante realizar um trabalho para que então a turma construísse uma história para contribuir com o acervo do museu”*. Já sobre o Museu era virtual, achou interessante, porém novamente a atividade deve ser dirigida, pois somente a navegação pelo aplicativo fica muito vaga. Com relação ao Comércio Triangular: *“Achei o jogo interessante, pois faz a relação das mercadorias com o valor dos escravos, o que é chocante. Nos Quiz Racha Cuca Rio Grande do Sul II considerou uma forma mais dinâmica de abordar o conteúdo, viável de ser utilizado com os alunos”*. O blog Revolução Farroupilha possui um amplo acervo de atividades sobre o assunto, contempla conteúdo e atividades lúdicas (jogo da memória, quebra-cabeça, etc.). Quanto aos personagens da Revolução Farroupilha, ela sugere *“que para abordagem desse aplicativo seja prevista uma pesquisa, onde os alunos recebam um roteiro para buscar as informações relevantes sobre cada personagem, somente a leitura fica algo disperso e até sem atrativo para os alunos”*. A linha do tempo contém os principais fatos, apresentando de forma anual os acontecimentos. *“Como fonte de pesquisa, pode ser utilizado”*. Sobre a Guerra dos Farrapos I diz que *“quando há um jogo os alunos se envolvem e buscam até mesmo competir entre si e consigo mesmo para realizar a maior pontuação, por isso, o aplicativo é positivo e permite ainda que o aluno perceba suas respostas quando incorretas”*. No item adágio gaudérios, achou o conteúdo bem difícil por desconhecer o vocabulário utilizado, mas isso torna o aplicativo positivo, pois cumpre seu objetivo, que é justamente apresentar alguns termos gauchescos. No “Combate do Barro Vermelho”, acredita que os *“alunos irão gostar do jogo, visto que se assemelha a um jogo de videogame, porém, para propor aos alunos, enquanto professora, teria de explorar mais, dispensar um tempo para entender como o mesmo funciona, pois não consegui compreender sobre as estratégias utilizadas no aplicativo”*. O jogo da memória é uma atividade lúdica, para passatempo. No ícone Revolução Farroupilha, o aplicativo de perguntas com alternativas de resposta pode ser utilizado ainda como forma de revisão do conteúdo.

Uma das professoras participantes montou um quadro com estratégias e possíveis turmas para desenvolver as propostas do curso, conforme segue abaixo.

Quadro 3 – Possíveis habilidades desenvolvidas a partir dos recursos tecnológicos

Aplicativos	Habilidades segundo BNCC	Atividades que podem ser desenvolvidas	Anos do ensino fundamental
<ul style="list-style-type: none"> • Vídeos sobre as Grandes Navegações 	<ul style="list-style-type: none"> • Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas. • Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico. • Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Maquete do Brasil antes da invasão dos europeus. • Debate sobre vantagens e desvantagens com a chegada dos europeus na América. • Fantoches de meia representando os ameríndios e sua vida cotidiana. • Montagem de maquete sobre os mares nunca navegados, com garrafas <i>pet</i>. • Interpretação da carta de Pero Vaz de Caminha, com desenho. 	5º, 6º 7º
<ul style="list-style-type: none"> • Jogo de memória sobre a Revolução Farroupilha 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. 	<ul style="list-style-type: none"> • Chamar a atenção dos estudantes sobre a ausência de personalidades femininas na Revolução Farroupilha. • Motivar um debate sobre as memórias dos heróis que a tradição instituiu. 	5º, 6º, 7º
<ul style="list-style-type: none"> • Museu da Pessoa 	<ul style="list-style-type: none"> • Comparar pontos de vista sobre temas que impactaram a vida cotidiana no tempo presente, por meio de acesso a diferentes fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> • A visita ao museu da Pessoa pode ser usada como um incentivo para os/as estudantes a construir seu memorial descritivo. • Escolher uma história e contar para o grupo de colegas. 	7º, 8º EJA
<ul style="list-style-type: none"> • Combate do Barro Vermelho 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de maquetes; • Montagem de mapa conceitual. 	Todos os anos
<ul style="list-style-type: none"> • Quiz da Guerra dos Farrapos 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionar os/as estudantes se uma avaliação de perguntas e 	Todos os anos

	<p>memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado. 	<p>respostas dá conta de saber se houve aprendizagem.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propor outro quiz sobre algum tema que eles/elas tenham interesse (formulário do Google). • Elaborar um plano de avaliação da disciplina com os/as estudantes. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Museu virtual 	<ul style="list-style-type: none"> • Inventariar os patrimônios materiais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo. • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades práticas sobre o patrimônio material da cidade: maquetes, painéis, desenhos, fotografias antigas (disponíveis no arquivo histórico da cidade). • Montar a ideia do antes e do depois com fotografias. • Questionar sobre o que permaneceu e o que não existe mais. • Questionar sobre os acessos a esses bens culturais na cidade. • Visita o museu local. 	<p>Todos os anos</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Exposição da Independência 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. • Inventariar os patrimônios materiais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem de um museu de cultura material da família do/a estudante. • Montagem de um <i>blog</i> com as fotos antigas dos (as) estudantes, utilizando diversos temas: juventude, matrimônios, etc. 	<p>Todos os anos</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Personagens da Revolução Farroupilha 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilização do romance <i>O tempo e o vento</i>, de Érico Veríssimo. • Dramatização de alguma cena específica da obra. • Pesquisa do LIE sobre os personagens, para a elaboração de uma ficha sobre cada pessoa. 	<p>7º, 8º e 9º anos e EJA</p>

		<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de mapa conceitual sobre a Revolução Farroupilha, pessoas conhecidas e não conhecidas que fizeram parte do conflito. • Pesquisa do LIE sobre os Lanceiros Negros. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Adágios gaúchos 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações e seu significado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Com o auxílio da disciplina de Língua Portuguesa, elencar expressões utilizadas na região. • Pesquisar as expressões regionais, exemplo da fronteira. • Levantar informações com a turma sobre a origem dos pais, avós (cidade/estado). • Construir com os (as) estudantes um dicionário com as expressões e as gírias utilizadas por eles (elas) no LIE. • Refletir com os estudantes a importância da língua/dialeto como um produto cultural que deve ser respeitado. 	Todos os anos
<ul style="list-style-type: none"> • Linha do tempo 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de uma linha do tempo do (a) estudante, com fotos que pode ficar disponível do <i>blog</i> da escola. • Montagem de um memorial descritivo com a utilização de documentos oficiais e não oficiais dos (as) estudantes. 	Todos os anos

Fonte: Elaboração da cursista Daiane Dala Zen

No término deste estudo, pode-se verificar que algumas considerações podem ser feitas sobre como os professores, que realizaram o curso de formação continuada, utilizam e concebem as ferramentas tecnológicas nas práticas pedagógicas.

As educadoras comentavam de passar os vídeos e os jogos sugeridos no curso. Relataram que os referentes a revolução farroupilha já iam deixar agendado com a professora do laboratório de informática para o mês de setembro, o qual o tema é mais comentado e também estudado. No que se refere aos episódios sobre as grandes navegações, por terem duração em torno de doze minutos, poderiam ser passados até

dois episódios por tarde, durante as aulas de história e aprofundar os conceitos implícitos nos mesmos.

O fato de as participantes se fazerem presente em praticamente todas as noites do curso, também demonstra a vontade de realizar essas interações com colegas que trabalham com o mesmo ano, visto a dificuldade encontrada em trabalhar com materiais concretos sobre a história do Rio Grande do Sul e aliando as tecnologias que os estudantes estimam.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quanto mais somos capazes de desvelar a razão de ser de pôr que somos como estamos sendo, tanto mais nos é possível alcançar também a razão de ser da realidade em que estamos superando assim a compreensão ingênua que dela possamos ter.

(FREIRE,1981, p. 72)

Este estudo tratou do processo de ensino e aprendizagem, identificando a utilização das tecnologias da informação e comunicação, nas aulas de História, como meio para introduzir a cultura digital no Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Flores da Cunha – RS. Foi proporcionada aos professores dessa rede uma formação continuada para conhecer e aperfeiçoar sua prática pedagógica.

Dessa maneira, pode-se inferir que ocorreram reflexões acerca dos questionamentos aos quais este estudo buscou responder: Como os profissionais que atuam no Ensino Fundamental utilizam as tecnologias no contexto da História do Rio Grande do Sul, diante dos recursos tecnológicos disponíveis para essa temática? Qual a formação desses profissionais? Existe uma formação continuada para acompanhar as mudanças da sociedade em rede?

O uso das tecnologias está alterando os papéis de educandos e educadores, fazendo com que o ensino e a aprendizagem sejam repensados. Acredita-se que, nesta era virtual, o professor passa a ser mediador da aprendizagem: ao mesmo tempo que ensina, também aprende através da troca de experiências e de vivências. E, perante tanta tecnologia disponível, o professor não é um sujeito indispensável, mas sim aquele que vai mediar as interações entre as tecnologias e os estudantes. Lemos (2003; 2010) trouxe os três princípios da cibercultura, os pólos da emissão, a conexão e a reconfiguração, para que se pense de forma mais colaborativa todo esse processo, e Almeida (2014) cita Moran (2007), sobre o papel do professor.

Quanto ao papel do educador nestes tempos de inovações tecnológicas, Moran (2009) afirma que ele está se transformando cada vez mais, na medida em que está ensinando menos, orientando mais, articulando melhor e interagindo mais com os alunos. Dessa forma, os momentos em sala de aula estão sendo mais utilizados para a realização de tarefas que envolvam pesquisas, produção, apresentação e avaliação. (ALMEIDA, 2014, p. 76).

A partir das vivências com este estudo, percebeu-se que a busca pela formação profissional, ou pelo aprimoramento da prática, depende muito da vontade e disposição de cada professor. Muitas vezes, são ofertadas capacitações que são ou não realizadas por muitos motivos, ou, se realizadas, não são aplicadas em nada na escola, na sala de aula. Cada professor tem um método de trabalho; o que cabe a nós, pesquisadores, é tentar inovar essa prática pedagógica, oportunizar novas ferramentas e possibilidades.

Dessa forma, oportunizou-se aos professores da rede um curso de formação para a inserção da cultura digital nas aulas de História. Nos encontros foram abordadas 15 ferramentas tecnológicas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, no contexto da História do Rio Grande do Sul.

Nesta capacitação, os educadores tiveram a oportunidade de conhecer (pensar), manusear atividades práticas com a utilização dessas tecnologias. Dentre as ferramentas utilizadas, havia três sobre museus: Museu Era Virtual, Museu da Pessoa e Exposição da Independência; dois sobre as Grandes Navegações: um vídeo do teatro de bonecos Mão Molenga dividido em seis episódios e um jogo sobre o comércio triangular (América/Europa/África). Um sobre a idade da pedra e os demais sobre a Revolução Farroupilha: jogo de memória, linha do tempo, adágios gaudérios, cruzadinhas. Todos voltados para uma aprendizagem mais colaborativa e interativa.

No que diz respeito à atividade de interação, as tecnologias da informação e comunicação propiciam aprendizagens correlatas, que obrigam o professor a ir além das paredes das salas de aula. Atualmente, os espaços tradicionais de ensino/aprendizagens têm dimensão global, sendo possível interagir com qualquer pessoa do planeta que esteja conectada à rede. Além disso, pode-se realizar uma pesquisa em qualquer acervo das principais bibliotecas do mundo e acessar conteúdos que antes só estavam disponíveis in loco. Outra possibilidade é fazer passeios virtuais por inúmeros locais, tais como: museus, monumentos históricos, pontos turísticos etc. tudo isso pode se tornar um excelente material de apoio para as aulas de História, por exemplo. (ALMEIDA, 2014, p. 53).

Materiais de apoio foram sugeridos para os professores; cada um, a partir de seu jeito, tem a opção de aplicá-los e utilizá-los em sala de aula. Acredita-se que, o papel de pesquisador é este: fazer esse elo de ligação entre as possibilidades de aprendizagens, as ferramentas disponíveis e os profissionais da educação, seja ela educação básica ou superior. Plantar a inquietação e a busca pelo diferente, pelo novo, pelo conhecimento, em si, foi a missão deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nanci Aparecida de. (Coord.). **Tecnologias na escola: abordagem pedagógica e abordagem técnica**. São Paulo: Cengage Learning, 2014.
- BRANDÃO, Edemilson. **Informática e educação: uma difícil aliança**. Passo Fundo: UPF, 1995.
- BRASIL. PCNs. Ministério da Educação. Brasília, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2017.
- BRASIL. **BIOE: Banco Internacional de Objetos Educacionais**. MEC – Ministério da Educação e Cultura, 2008. Disponível em: <<http://www.objetoseducacionais2.mec.gov.br>>. Acesso em: maio 2017.
- BRASIL. **RIVED: Rede Interativa Virtual de Educação**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: MEC/Seed, 2007. Disponível em: <<http://rived.mec.gov.br/>>. Acesso em: fev. 2017.
- BRASIL. **Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. /Organização: Carmem Lúcia Prata, Anna Christina Aun de Azevedo Nascimento. Brasília:MEC/Seed, 2007.
- BRASIL. BNCC. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional De Educação. **Resolução CNE/CB 07/10**. Brasília: Distrito Federal: CNE, 2010.
- BULLA, Ana Paula Carissimi. **Linguagem e educação nos processos interativos de ensino de aprendizagem no uso de tecnologias digitais**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.
- CASTELLS, Manuel. 1942. **A sociedade em rede**. Trad. de Roneide Venâncio Majer. Atual. para a 6. ed. de Jussara Simões.
_____. **A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- FELDMANN, Marina Graziela (Org.). **Formação de professores e escola contemporânea**. São Paulo: Ed. do Senac São Paulo, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (O Mundo, hoje, v. 10).

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Dicionário online. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 23 fev. 2018

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012a.

_____. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012b.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, André. LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 2. ed. 1ª reimp. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção TRANS).

LIMA, Paula Peres. Edublogs como mediadores de Processos Educativos. **Revista Prisma**, n. 3, p. 189-199, out. 2006.

LUCIANO, Naura Andrade; BOFF, Elisa; CHIARAMONTE, Marilda Spíndola. Reflexões sobre os recursos para interação em ambientes virtuais de aprendizagem. In: VALENTINI, Carla Beatris; SOARES, Eliana Maria do Sacramento (Org.). **Aprendizagem em ambientes virtuais** [recurso eletrônico]: compartilhando ideias e construindo cenários. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010. Vários autores. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/aprendizagem-ambientes-virtuais/index>>. Acesso em: 2017. Edição atualizada da versão impressa publicada em 2005. ISBN 978-85-7061-600-5

MACHADO, Márcia Buffon. **(Trans)formações de professores em acoplamento as tecnologias digitais**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

BRASIL. Ministério Da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p. 13-21, maio/ago. 2004, quadrimestral.

NIKITIUK, Sônia L. (Org.). **Repensando o ensino de história**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção questões da nossa época, v.35).

PÉREZ-GOMEZ, A. I. A função e formação do professor/a no ensino para a ... In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ-GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Trad. de Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SCHMIDT, Sintian. **Tecnologias móveis na escola: movimentos da gestão escolar**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **Inclusão Digital: novas tecnologias para a informática educativa**. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

Sites:

<<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em: 15 abril 2017.

<<http://eravirtual.org/>>. Acesso em: 12 abril 2017.

<<http://www.clickjogos.com.br/Jogos-online/Acao-e-Aventura/Stoneage-Sam>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<http://imagem.camara.gov.br/internet/midias/Plen/swf/Semana_Independencia/exposicao.swf>. Acesso em: 6 mar. 2017.

<<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/search?query=brasil+500+anos>>. Acesso em: 15 maio 2017.

<http://sites.unifra.br/Portals/17/História/Grandes_Navegacoes/Historia_Grandes_navegacoes>. Acesso em: 20 abril 2017.

<<http://www.clicrbs.com.br/especiais/quiz/quiz/historiadarevolucao/quizmaker.html>>. Acesso em: 20 abril 2017.

<<http://atividadesdosanosiniciais.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 abril 2017.

<<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=7998>>. Acesso em: 15 maio 2017.

<http://www.clicrbs.com.br/especiais/diversos/linhatempo_semanafarroupilha.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<<https://rachacuca.com.br/quiz/32537/guerra-dos-farrapos-i/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

<<http://www.clicrbs.com.br/especiais/quiz/quiz/adagiosgauderios/quizmaker.html>>. Acesso em: 8 fev. 2017.

<http://www.clicrbs.com.br/swf/game_farroupilha/index.html>. Acesso em: 6 mar. 2017.

<<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=5458>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

<<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?id=11034>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

<<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/search?query=brasil+500+anos>>. Acesso em: 20 abril 2017.

<<http://atividadesdosanosiniciais.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

<<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em: 15 abril 2017.

<http://sites.unifra.br/Portals/17/História/Grandes_Navegacoes/Historia_Grandes_navegacoes>. Acesso em: 20 abril 2017.

APÊNDICE 1

Página Wiki de navegação e acesso durante o curso de formação continuada
 Acesso online: Curso de Formação continuada
 (<http://fernandarambo.pbworks.com/w/page/123468030/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada%20com%20professores%20%28as%29%20de%20Flores%20da%20Cunha>)

Formação Continuada com professores (as) de Flores da Cunha



Sejam Bem Vindos (as) !!!!!

**Este é nosso espaço de trabalho durante esta formação continuada.
 Todo o material utilizado estará disponível no ambiente.**

Profª Fernanda Rambo

<p>07/03/2018 <u>PBWorks - Cadastro</u> <u>Apresentação do Projeto</u> <u>Questionário</u></p>	<p>14/03/2018 1. Exploração dos <u>Aplicativos para inserir uma cultura digital nas aulas de História</u> 2. <u>Grandes Navegações</u> 2.1 <u>Expansão Marítima</u> 2.2 <u>Comércio Triangular</u> 3. <u>Quiz Guerra dos Farrapos</u> 4. <u>Atividades Educativas Revolução Farroupilha</u></p>	<p>21/03/2018 1. Assistir episódio 1 e 2 sobre as <u>Grandes Navegações</u> 1.1 <u>Dois Mundos Desconhecidos</u> 1.2 <u>Caminhos da Riqueza</u> 2. <u>Memória Farroupilha</u> 3. <u>Linha do tempo</u></p>
<p>28/03/2018 1. Assistir episódio 3 e 4 sobre as <u>Grandes Navegações</u> 1.1 <u>Encontro no Além-Mar</u> 1.2 <u>Terra Cheia de Graça</u> 2. <u>Museu da Pessoa</u> 3. <u>Combate do Barro Vermelho</u></p>	<p>04/04/2018 1. Assistir episódio 5 e 6 sobre as <u>Grandes Navegações</u> 1.1 <u>A cor do Pau Brasil</u> 1.2 <u>Dores de Colônia</u> 2. <u>Museu Era Virtual</u> 3. <u>Exposição da Independência</u></p>	<p>11/04/2018 1. <u>Blog</u> 2. <u>Quiz</u> 3. <u>Personagens da Revolução Farroupilha</u> 4. <u>Análise e discussão sobre os aplicativos apresentados.</u></p>

APÊNDICE 2

QUESTIONÁRIO

Acesso online : [Pesquisa sobre os aplicativos Tecnológicos no ensino de História](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeVK6oROPRUEsi17U9pVeD2FzEInbXqgEm6j657wyDwBsEAWg/viewform)
(<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeVK6oROPRUEsi17U9pVeD2FzEInbXqgEm6j657wyDwBsEAWg/viewform>)

Pesquisa sobre os aplicativos tecnológicos no ensino de História

Esta pesquisa tem o intuito de coletar dados para o mestrado Profissional em História, ofertado pela Universidade de Caxias do Sul, afim de analisar como os novos recurso tecnológicos estão inseridos no contexto escolar, na relação do ensino-aprendizagem nas escolas Municipais de Flores da Cunha.

Gostaríamos de sua colaboração respondendo as questões, para que a pesquisa possa fornecer elementos para um diagnóstico representativo quanto aos possíveis usos de aplicativos tecnológicos no ensino de História

Nas questões de escala o número 1 será de menos relevância e o número 5 de maior relevância.

*Obrigatório

Endereço de e-mail *

Seu e-mail

Qual sua formação universitária?

- História
- Pedagogia
- Outra. Qual? _____

A quanto tempo terminou sua graduação?

- De 1 a 5 ano
- De 6 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- Mais de 15 ano

Há quanto tempo atua como educador?

- De 1 a 3 anos
- De 4 a 10 anos
- Mais de 10 anos

Caso haja laboratório de informática na sua escola, e seus alunos participam, sua conduta pedagógica é:

- Não participa do planejamento, ficando a cargo do professor do LIE a escolha da temática
- Trabalho em conjunto com o professor do LIE e coordenação pedagógica.

Como você vê o uso das novas tecnologias na escola no ensino aprendizagem?

- Facilitam
- Atrapalham
- Não têm relevância

Você realiza pesquisas de material pedagógico na rede Internet

*

- Não
- Sim

Dos recursos listados abaixo, indique os dois mais utilizados *

- Desktop
- note book
- tablet
- celular

Você considera que seus alunos têm acesso as tecnologias da comunicação e informação, fora do ambiente escolar?

- Todos
- A grande maioria
- Poucos

Você considera que a cultura digital é importante na escola? *

- Sim
- Não

Indique a relevância *

Sua resposta

Caso seus alunos utilizem o Laboratório de Informática, quais áreas de conhecimento são o foco da aprendizagem?

- Matemática
- Linguagens
- Ciências da Natureza
- História
- Geografia

Quando se trata de História do Rio Grande do Sul, no Ensino Fundamental, você utiliza recursos digitais para aulas interativas/ colaborativas? *

- Pouco
- Muito
- Alguma coisa

Utiliza pouco pois

- não dispõe de tempo para procurar
- os alunos não tem interesse
- os equipamentos do LIE não comportam objetos de aprendizagem

No laboratório de Informática, quais os conteúdos trabalhados em História? *

Sua resposta

Você encontra aplicativos para ensinar História do Rio Grande do Sul? *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>				

Você considera o ensino de História mais difícil que as demais áreas do conhecimento?

- Não
- Sim
- Todas são iguais

Você têm alguma dificuldade em trabalhar a história do Rio Grande do Sul? *

Sua resposta

Quantos aplicativos para o ensino de História do Rio Grande do Sul você conhece?

- Nenhum
- De um a três
- Mais de cinco

Caso sejam oferecidas oficinas para o uso de objetos de aprendizagem para o ensino de História do Rio Grande do Sul, você faria?

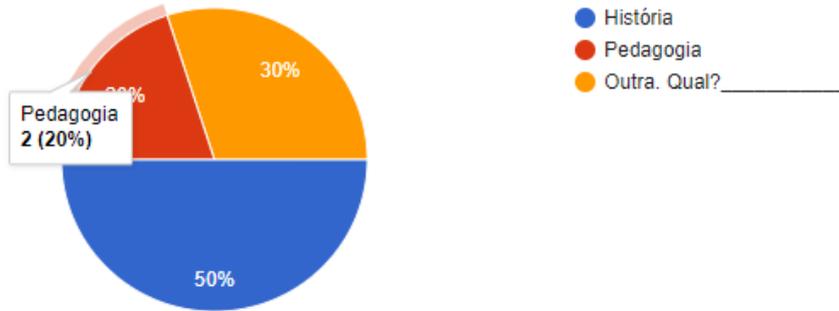
- Sim
- Não
- Talvez

APÊNDICE 3

RESUMOS DA RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

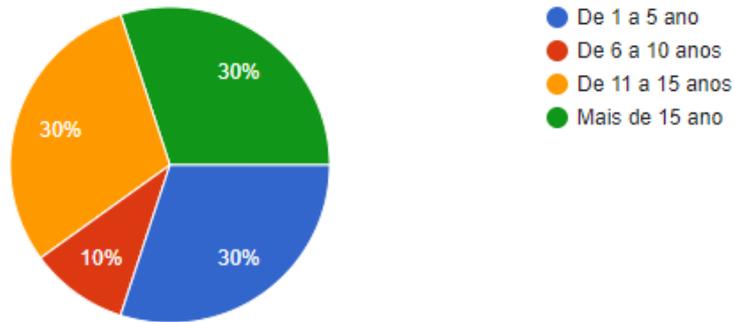
Qual sua formação universitária?

10 respostas



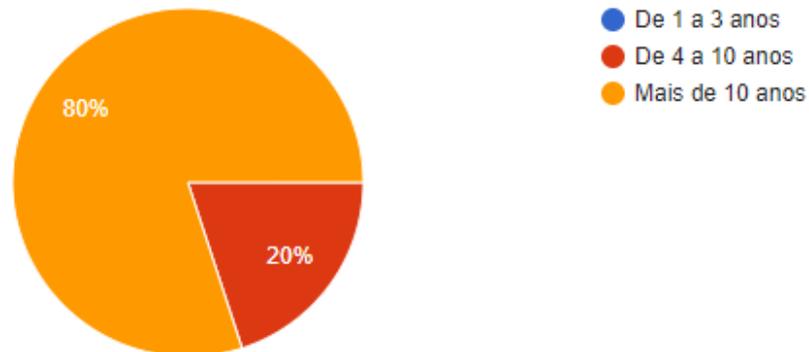
A quanto tempo terminou sua graduação?

10 respostas



Há quanto tempo atua como educador?

10 respostas



Caso haja laboratório de informática na sua escola, e seus alunos participam, sua conduta pedagógica é:

10 respostas



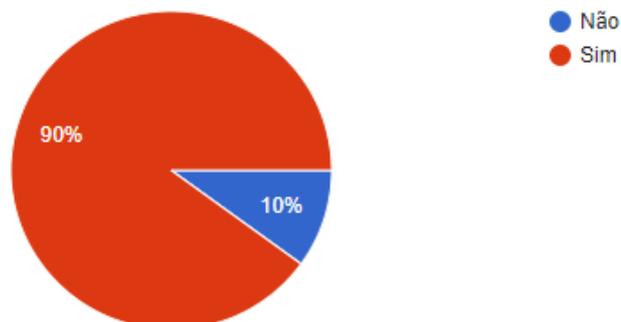
Como você vê o uso das novas tecnologias na escola no ensino aprendizagem?

8 respostas



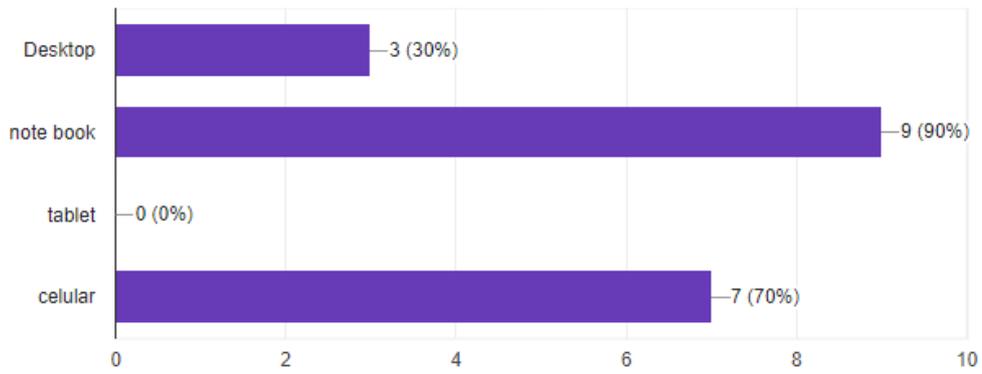
Você realiza pesquisas de material pedagógico na rede Internet

10 respostas



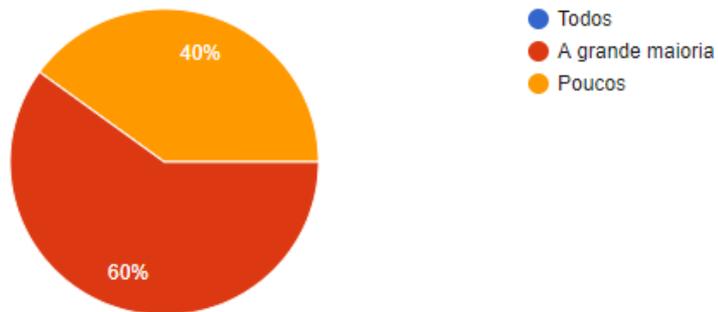
Dos recursos listados abaixo, indique os dois mais utilizados

10 respostas



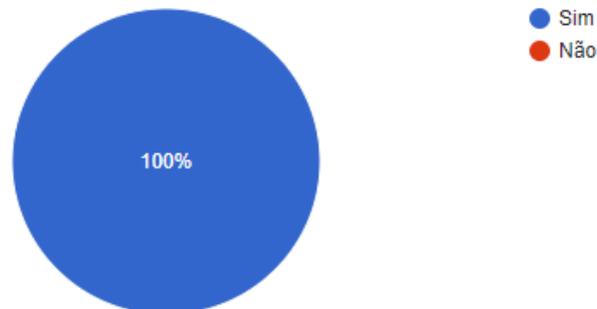
Você considera que seus alunos têm acesso as tecnologias da comunicação e informação, fora do ambiente escolar?

10 respostas



Você considera que a cultura digital é importante na escola?

10 respostas



Indique a relevância

10 respostas

Para apresentação de dados (powerpoint, slideshare), pesquisas, jogos...

Acredito que a cultura digital faz parte do cotidiano dos estudantes, porém direcionada para a construção do conhecimento ainda é um desafio a ser superado. O aporte tecnológico pode ser utilizado diretamente na metodologia das aulas de História (análise de fotos, documentos) tornando-as mais atrativas e participativas.

Hoje, cada vez mais cedo as crianças tem acesso a tecnologia e nós, professores, precisamos nos atualizar e aproveitar para o aprendizado, tornando assim as aulas mais prazerosas e interessantes, unir o útil ao agradável.

pois o mundo está digital e a escola precisa ser parte do mesmo

Traz novas metodologias de forma atraente através de vídeos, imagens, jogos...

É muito importante pra as novas gerações que já estão conectadas, as crianças precisam de um ensino mais criativo, dinâmico, atrativo e explorador. Nós como educadores devemos proporcionar essas novas vivências tecnológicas a nossos educandos.

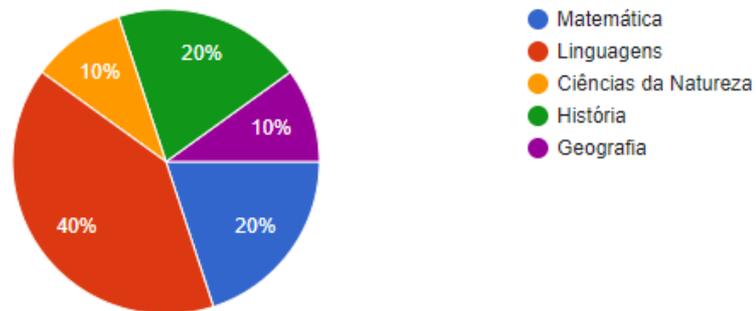
É importante porque se trata da realidade da sociedade. Hoje inúmeros serviços acontecem permeados de recursos digitais. Isso tudo faz parte da evolução do ser humano.

Na atualidade é fundamental a cultura digital na escola, pois a tecnologia faz parte da vida do aluno.

Conectar as pessoas com conhecimentos, informações e outras pessoas.

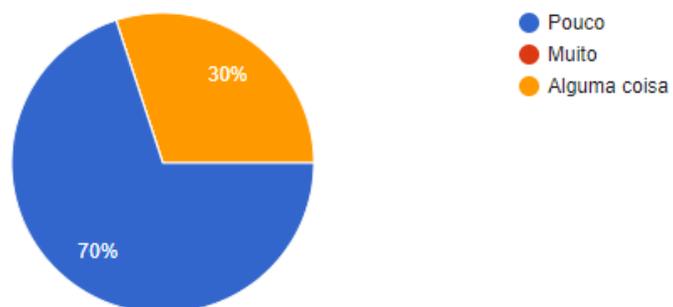
Caso seus alunos utilizem o Laboratório de Informática, quais áreas de conhecimento são o foco da aprendizagem?

10 respostas



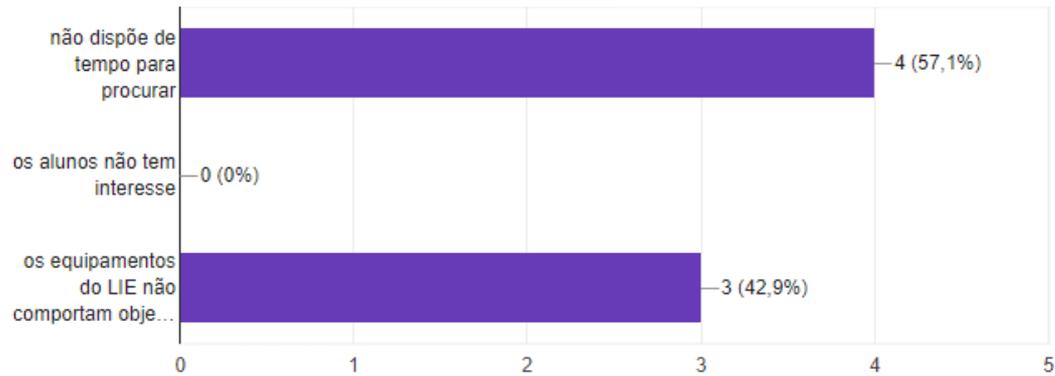
Quando se trata de História do Rio Grande do Sul, no Ensino Fundamental, você utiliza recursos digitais para aulas interativas/colaborativas?

10 respostas



Utiliza pouco pois

7 respostas



No laboratório de Informática, quais os conteúdos trabalhados em História?

10 respostas

Revoluções, patrimônio histórico, personalidades citadas em determinados conteúdos, missões jesuíticas,

História do Rio Grande do Sul, chegada dos portugueses ao Brasil, palavras de origem tupi...

Na EJA da escola 1 de maio em Flores da Cunha não há LIE. Mas se houvesse, eu trabalharia algo como mapas históricos, localização de cidades importantes, mapas populacionais, documentos disponíveis no Arquivo Público de Porto Alegre (História da escravidão, da Ditadura) e outros que desconheço em função de não termos laboratório.

Pesquisas

no geral costumo trabalhar a maioria deles... povos formadores do RS, guerra dos farrapos, civilizações antigas, época medieval, grandes navegações, as fases da história do Brasil, revoluções burguesas e grandes guerras mundias

cultura indígena, imigrações, linha do tempo, cultura afro, tropeiros

Não trabalho com história diretamente. Trabalho mais co, linguagens e matemática

Basicamente pesquisa em busca de informações, análise de entrevistas e videos dentro dos conteúdos do 5º ano como as grandes navegações, Descobrimto do Brasil, a história da formação do Rio Grande do Sul, a cultura gaúcha. .

Conhecimentos gerais

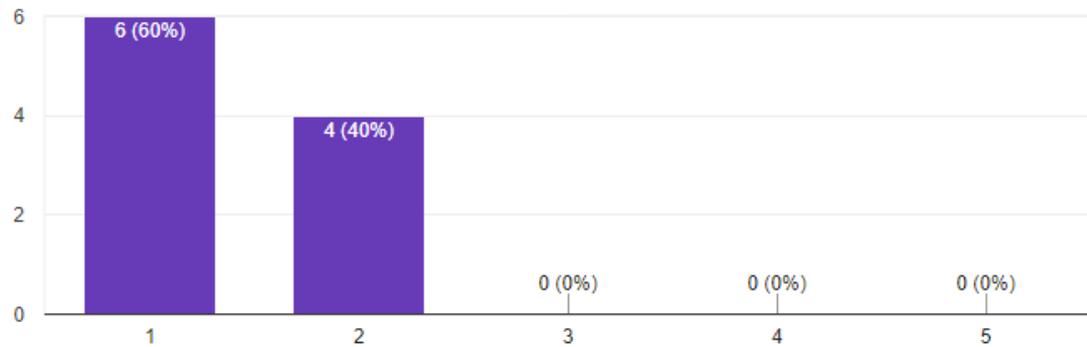
cultura gaúcha. .

Conhecimentos gerais.

Pesquisas gerais

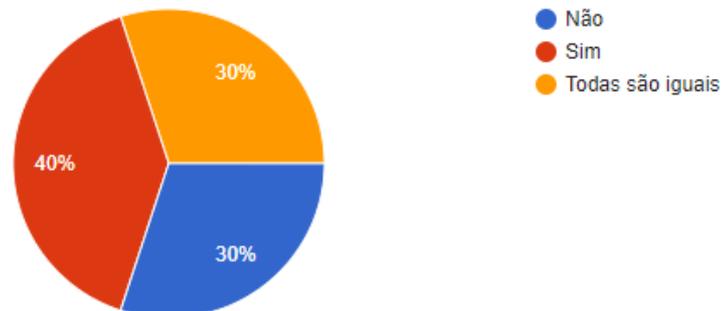
Você encontra aplicativos para ensinar História do Rio Grande do Sul?

10 respostas



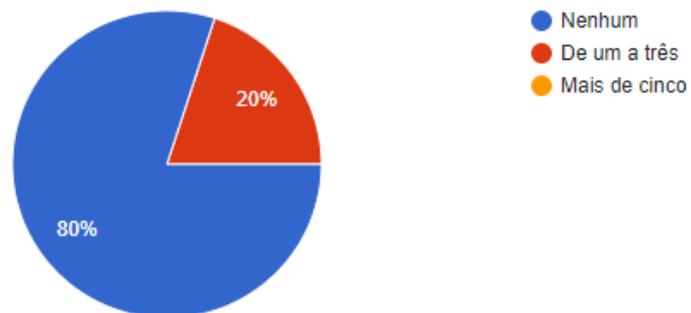
Você considera o ensino de História mais difícil que as demais áreas do conhecimento?

10 respostas



Quantos aplicativos para o ensino de História do Rio Grande do Sul você conhece?

10 respostas



Caso sejam oferecidas oficinas para o uso de objetos de aprendizagem para o ensino de História do Rio Grande do Sul, você faria?

10 respostas

